

# Olavo de Medeiros Filho

## Os Fenícios do Professor Chovenágua

Edição Especial Para o Projeto Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Faria



# Índice

Introdução.....	04
A Fenícia e seus habitantes .....	07
As correntes e contracorrentes marítimas (África-Brasil-África).....	14
As inscrições da Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro.....	15
As inscrições fenícias do Rio Paraíba do Sul .....	21
Pe. Francisco Corrêa Teles de Menezes, um precursor da arqueologia brasileira .....	25
Os fenícios do Professor Schwennhagen.....	31
As estradas e estações fenícias, segundo o Professor Schwennhagen.....	51
Os fenícios, suas minas e o Professor Schwennhagen .....	68
As inscrições gregas da fazenda Pedra Lavrada, em Jardim do Seridó.....	79
As pinturas rupestres da “Casa Santa”, em Carnaúba dos Dantas .....	101

As pinturas rupestres do sítio Mirador, no Boqueirão de Parelhas .....	111
As pinturas rupestres no sítio Pedra do Alexandre, em Carnaúba dos Dantas/RN .....	114
Fontes .....	116

# Introdução

Em meio às resumidas e fragmentadas marcas da pré-história brasileira, encontram-se indícios que levam os estudiosos a supor a existência de uma civilização no Brasil, muito anterior à era cristã. Gravados ou pintados em rochedos, foram identificados caracteres babilônicos ou sumérios, etruscos, fenícios (os predominantes), gregos e latinos, além de hieróglifos egípcios.

À procura de um certo embasamento histórico para explicar a presença de tais inscrições milenares, atribuídas àqueles povos do velho mundo, os partidários dessa atraente e discutível teoria apelam para o escritor grego Diodoro da Sicília, que em 45 anos antes de Cristo já mencionava uma grande ilha (Insula Gentium): “Esta ilha, diz Diodoro, acha-se afastada da Líbia por muitos dias de navegação e situada ao Ocidente. Seu solo é fértil, de uma grande beleza e banhado por inúmeros rios navegáveis.”

O mesmo autor Diodoro, nos capítulos 19 e 20 do seu 5º Livro de sua História Universal, revela que uma frota fenícia partiu da costa da África, atravessando o Atlântico no rumo sudoeste, impulsionada pelas mesmas correntes oceânicas depois encontradas por Pedro Álvares Cabral: “Velejando para explorar o continente, situado além das Colunas de Hércules, foram arrebatados e impelidos por

violentos furacões *fort loin dans l’océan!* Batidos pelas tempestades, abordaram enfim à mencionada ilha. Toman-do então conhecimento da riqueza do solo, comunicaram os fenícios sua descoberta às suas colônias já dispersas por todo o mundo”.

O filólogo Henrique Onffroy de Thoron escreveu a notável obra “Voyage des Vasseaux de Salomon au Fleuve des Amazones”, publicada em Gênova, em 1869. Thoron defende a teoria de que os marinheiros do rei Hiram, de Tyro, tripulavam os barcos do rei Salomão, tendo introduzido os trabalhos de mineração de ouro naquele rio Amazonas. Segundo De Thoron, o chamado país de Ofir teria sido o Peru.

Aquele filólogo francês encontrou grande semelhança entre o tupi – que seria proveniente do idioma quíchua, falado pelos Incas – e as línguas hebraica, sânscrita e grega.

Em 1900 veio à luz o livro “Brasil Pré-Histórico”, do cônego cearense Raimundo Ulisses de Pennafort, que se propunha a decifrar o enigma pré-histórico brasileiro através da ciência glótica. O cônego Pennafort defendia eruditamente as conclusões desposadas por Onffroy de Thoron.

Em 1928, o austríaco Ludwig Schwennhagen publicou o sue livro “Antiga História do Brasil”, também defendendo a teoria da presença fenícia no nosso país. Segundo Schwennhagen, “as inscrições brasileiras foram escritas por mercantes e mestres-de-obras de minas. Foram comunica-

ções deixadas pelas diversas expedições para indicar o rumo das estradas, as distâncias dos lugares e a situação das minas”.

Devido à sua posição geográfica privilegiada, em relação ao continente africano, o Rio Grande do Norte é apontado como um dos estados brasileiros atingidos pela presença fenícia. Por ele perlustrou o austríaco Ludovico Schwennhagen, misto de sábio e visionário (a quem o povo denominava de Prof. Chovenágua), na tentativa de encontrar vestígios arqueológicos que comprovassem aquela remota presença fenícia. Na imprensa norte-rio-grandense, Schwennhagen publicou alguns artigos de concepção profundamente hipotética, cuja transcrição e análise constarão de alguns capítulos deste livro.

A principal contribuição do prof. Schwennhagen à Arqueologia norte-rio-grandense foi a cabal identificação da chamada Pedra Lavrada, encontrada na fazenda do mesmo nome, em Jardim do Seridó. Antes de Schwennhagen, julgava-se que a famosa pedra ficasse localizada no território paraibano.

As pinturas rupestres encontradas em Carnaúba dos Dantas e Parelhas, na região do Seridó, neste Estado, podem indicar a presença no litoral norte-rio-grandense de navegantes chegados em embarcações de grande porte, muito semelhante àsquelas que eram outrora utilizadas pelos fenícios, em seus périplos marítimos.

# A Fenícia e Seus Habitantes

A Fenícia, hoje conhecida como Líbano, era um país da Ásia Menor, entre o rio Eleutherus (hoje Nahr-El-Kébir) ao norte e Belos (Nahr-Maman) ao sul, proximidades do monte Carmelo. Ao leste, a Fenícia limitava-se com as cordilheiras do Líbano e do Antilíbano. Ao ocidente ficava-lhe o mar Mediterrâneo, que banhava seus quase duzentos quilômetros de costa. No sentido leste-oeste, o território não chegava a atingir quarenta quilômetros de largura.

Os topônimos mais remotos da região foram Zahi e Kafit. Talvez o nome Fenícia proviesse de Puanît, dado pelos egípcios aos países da Arábia, e que se teria conservado sob a forma de Poeni, em Cartago. Originários da região do monte Sinai, na porção asiática do Egito atual, os fenícios, que tinham origem semítica, se fixaram por volta do ano 3000 a.C., naquela estreita faixa de terra conhecida no Velho Testamento como Chanaan, Kanaan ou Chna, que tinha o significado de terra depressa, baixa, alagada. Segundo alguns filólogos, o topônimo Fenícia provinha do grego Phoinix, Phoinis, que significava rubro, vermelho. Na cidade fenícia de Tiro era fabricada uma famosa tinta, extraída do marisco murex – a púrpura, empregada como corante em tecidos. Outros autores acham que os fenícios –

Phoinices – tinham tal nome, por habitarem o país da Palmeira (Palmyra).

A Fenícia era cortada por alguns rios de reduzida importância, em cujos vales eram plantados algodão, linho, cereais, fruteiras, vinhas e oliveiras. A presença litorânea de ótimos portos, cedo despertou a vocação náutica e comercial dos habitantes da Fenícia. Esta tornou-se a principal potência marítima da antigüidade. Sua frota era construída com madeiras fornecidas pelas florestas do Líbano e do Antilíbano, dentre as quais destacavam-se o cedro e o pinheiro.

Os navios fenícios apresentavam um formato quase redondo, com quilhas pequenas, o que lhes permitia navegar paralelamente à costa. Orientados pelas estrelas, os fenícios logravam navegar contra a força dos ventos, mercê do emprego de largas velas e de numerosos remos de grande dimensão. Posteriormente os fenícios construíram navios compridos e estreitos, que eram utilizados nas batalhas navais. Quando o rei Salomão pretendeu construir uma esquadra, os navios foram feitos por especialistas fenícios, tendo sido também guarnecidas aquelas embarcações com marinheiros da mesma nacionalidade.

Grandes comerciantes e navegadores, os fenícios primeiramente exploraram o mar Mediterrâneo, cujas costas foram cobertas de feitorias e estaleiros. Com a experiência adquirida, os fenícios chegaram à Ásia Menor, ao mar Egeu e à Grécia, à Itália Meridional, à Sicília, à Líbia, onde



fundaram a sua principal colônia – Cartago, e à Espanha. Pelo meado do Século XI, os fenícios já tinham fundado Gádes (Cadiz). Aventurando-se pelo Atlântico, chegaram eles ao Senegal. No ano 610 a.C., no reinado do faraó egípcio Nécau (Neco), os fenícios contornaram o continente africano. Tendo saído do Mar Vermelho, atingiram depois de três anos a embocadura do Nilo, pelo estreito de Cádiz. Aventurando-se para o norte, os fenícios chegaram à Grã-Bretanha. Mantinham eles as suas rotas em segredo e exerceram o monopólio comercial no mundo mediterrâneo.

Verdadeiros corretores entre o Ocidente e o Oriente, os fenícios negociavam com povos distantes, como os habitantes do Egito, Pérsia, Índia, Babilônia e Arábia. Da Sicília importavam eles estanho; prata, ferro, vinhos, azeite, lãs e frutas da Espanha; estanho e âmbar amarelo da Grã-Bretanha; perfumes, incenso, mirra, marfim, especiarias, ouro em pó, pedras preciosas e escravos, de vários outros países. Os fenícios eram especialistas nas artes industriais. Embora não tenham sido os inventores do vidro, tornaram-no mais forte e transparente. As oficinas de Tiro e de Sídón fabricavam pastas coloridas. Na Grécia, tinham grande aceitação as taças de bronze, prata e ouro e os panos de púrpura fenícios. Fabricavam eles também armas, colares, braceletes, brincos e outras jóias.

Além de bronze, vidro, jóias, móveis, tecidos, púrpura e cristal transparente, produzidos pelos artesãos fenícios, o país também exportava madeiras florestais.

Os fenícios foram grandes construtores. Ainda restam deles, casas cavadas nos calcários das escarpas ou em blocos de rochedo isolados (casa de Amrith). A arquitetura religiosa dos fenícios constava de altares de pedra, e de templos, pequenos tabernáculos de forma quadrangular, de inspiração egípcia, colocados no meio de um pátio (Amrith; Ain-El-Hayat). Nada mais resta dos famosos templos de Melkart, outrora construídos em Tyro; de Astártea em Sídon, em Gebal e em Paphos. Os fenícios construíram monumentos funerários, alguns com a forma de jazigos cavados na rocha (necrópolis de Amrith, de Tyro, de Ad'um). Os sarcófagos eram dispostos nas paredes, encerrados em nichos ou enterrados em covas no solo. Nos sarcófagos colocavam-se mobiliários funerários. Tais jazigos ficaram assinalados externamente por marcos ou cippos. A perícia dos construtores fenícios foi utilizada na edificação do palácio do rei David (c. 1002-963 a.C.). Na referida construção foram empregados cedros e pedras do Líbano, e os pedreiros e carpinteiros foram enviados pelo rei fenício Hiram de Tiro (c. 969-936 a.C.). Também o palácio do rei Salomão (c. 970-930 a.C.) e o famoso templo por ele construído em Jerusalém, contaram com a ajuda técnica de artesãos fenícios.

A escultura fenícia sofreu a marcante influência egípcia, depois assíria e finalmente, grega (a partir de Alexandre). Eram muito utilizados baixos-relevos, sarcófagos, estelas votivas, estátuas e motivos ornamentais (esfinge, globo solar, palmeta, rosácea). Nos sarcófagos abundavam as cenas gregas, adaptadas ao caráter oriental. Obras artísticas deixadas pelos fenícios, ainda são encontradas na Síria, em Chipre, em Cartago e em Malta.

O idioma fenício pertencia ao grupo setentrional das línguas semíticas, sendo muito aproximado do hebraico. O primitivo alfabeto fenício é considerado a origem do alfabeto grego, e indiretamente também do latino e de todos os alfabetos ocidentais. No tocante à origem da escrita fenícia, alguns consideram-na proveniente dos hieróglifos egípcios; outros se inclinam pela hipótese de que era uma transformação dos cuneiformes neo-assírios ou babilônicos. O alfabeto fenício era composto de 22 letras que apresentavam uma base fonética. Surgiu o referido alfabeto, pouco antes de 1700 a.C.

A literatura fenícia exerceu grande influência sobre o Velho Testamento, e possuía um cunho predominantemente religioso. Sobreviveu um texto da literatura fenícia, através da obra Poenulus, ao autor latino Plauto. Um grande número de autores utilizava-se dos idiomas fenícios e púnico. Restam alguns fragmentos, traduzidos por Philon de Byblos, de uma história universal teológica escrita por Sanconiaton (1200 a.C.). Existe também uma tradução gre-

ga do “Périplo” de Hannon. Sallustio refere-se às obras históricas do rei da Numídia, Hiemsal. Autores gregos fazem menção a historiadores fenícios, como Theodotos, Hypsieratos e Mochos. Julga-se que a descrição geográfica narrada na Odisséia foi colhida junto a informações contidas num périplo fenício.

No que tange à religião praticada pelos fenícios, a mesma assemelhava-se aos cultos dos habitantes da Síria e do Eufrates. Pela concepção fenícia, existiam o princípio masculino e o feminino, o primeiro representado pelo deus-sol, rei dos céus, que tinha o poder fecundante. O segundo princípio, o feminino, representado pela deusa-lua, que concebia do deus-sol e que se confundia também com a terra fecunda. O deus supremo era em Beryto, El, identificado pelos gregos como Kronos e chamado pelos fenícios também de Baal. Em Tyro era adorado Baal-Melkarth; Baal-Sidon, em Sidon, etc. As deusas tinham o título geral de Baaltis-Baalît (a dama), sendo Astartéa a principal delas. Os amores da deusa com Thammur-Adonis compunham o fundo dos ritos de Byblos, depois espalhados pelos fenícios no seu mundo conhecido. No decorrer de sua história, os fenícios incorporaram deuses e mitos novos, assimilados dos seus vizinhos. Na religião fenícia eram praticados sacrifícios humanos. Em honra aos deus Baal-Moloch, acendia-se um imenso braseiro diante de sua estátua de bronze, em cujos braços colocavam-se crianças que eram queimadas vivas!

A Fenícia era composta por pequenas cidades-estados, formando uma cultura comum, embora sem manterem elos políticos ou comerciais entre si. Os principais portos fenícios foram Tiro (hoje Sur), que nos seus tempos de apogeu era chamada a Rainha dos Mares; Sidon (hoje Saída); Bérito (hoje Beirute, a capital do Líbano); Tripoli, porto existente no norte do Líbano; Biblos (hoje Gebal); Aradon, ao norte, edificada sobre um rochedo; Ugarit e outros menores.

As cidades da Fenícia eram governadas por seus reis, magistrados e sacerdotes. A autoridade real era compartilhada com os juízes ou profetas e com o colégio dos pontífices. A hegemonia foi primeiramente exercida pela cidade de Sidon, seguindo-se depois o predomínio de Tiro.

Os fenícios estiveram sob o domínio egípcios do século XVI ao XII a.C. Travaram amizade com os hebreus nos reinados de David e de Salomão (século X a.C.). Do século IX ao VII estiveram sujeitos à suzerania da Síria; do VII ao VI, à Caldéia. Sofreram dominação do império de Ciro, depois do de Alexandre, dos Lágidas e dos Selêucidas. Foram anexados ao império romano no século I. A extinção da vitalidade fenícia ocorreu sob a conquista árabe, no século VII da nossa era.<sup>1</sup>

---

1

Enciclopédia e Dicionário Internacional, vol. XV, pp. 8812-8813;

# **As Correntes e Contracorrentes Marítimas (África – Brasil – África)**

As embarcações que pretendessem realizar a travessia do oceano Atlântico, vindas do continente africano em demanda do Brasil, aproveitavam-se da corrente marítima denominada EQUATORIAL-SUL. Esta passava por Serra Leoa, no Golfo da Guiné e atravessava o Atlântico no sentido leste-oeste, sempre próxima e linheira ao Equador, entre 3°N e 10°S, ostentando uma velocidade de 1,5 nós (2,778km).

Na latitude de Fernando de Noronha, a corrente bifurca-se, surgindo então os sub-ramos denominados CORRENTE DAS GUIANAS e CORRENTE DO BRASIL (para o sul, até a Bahia).

A menor distância entre o Rio Grande do Norte e a África, corresponde a 1.500 milhas (2.778m).

O retorno ao continente africano era realizado através da chamada Contracorrente Equatorial, à qual se seguia a Corrente da Guiné.

---

ONCKEN, Guilherme. História Universal, vol. II, pp. 233-439;

CANTU, Césare. História Universal, 2º vol., Cap. XXIV, Fenícios.

# As Inscrições da Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro

À época do reinado de dom João VI, o padre mestre Custódio Alves Serrão (1799 – 1873), carmelita, natural do Maranhão, dedicado à Zoologia e Botânica, lente de Química e Mineralogia, diretor do Museu Nacional (em 1828), homem versado em línguas orientais e grega, ofereceu àquele governo uma memória sobre as inscrições em caracteres fenícios (segundo o próprio estudioso), existentes em uma das montanhas do litoral do Rio de Janeiro, ao sul da barra.

O Cônego Januário da Cunha Barbosa apresentou um requerimento ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, solicitando a formação de uma comissão para apreciar o assunto relacionado com a chamada Pedra da Gávea. A proposta de Cunha Barbosa foi aprovada pelo Instituto, em sua 8<sup>a</sup> sessão extraordinária, ocorrida na tarde de março de 1839.

A 23 de maio do mesmo ano, os membros do Instituto, novamente reunidos em sessão apreciaram o relatório da comissão designada, cuja finalidade fôra a de analisar e copiar as inscrições que se acham gravadas no morro da Gávea, no Rio de Janeiro. Compuseram a referida comis-

são, os sócios Manuel de Araújo Porto Alegre e Cônego Januário da Cunha Barbosa, tendo testemunhado o feito José Rodrigues Monteiro, padre capelão do Imperador. (1)

Segundo o relato dos integrantes da comissão, no cume da Gávea “do lado direito aos que vão pelo serrote da Boa Vista, numa pedra de forma cúbica existem caracteres, ou sulcos que a eles se assemelham, é indubitável; mas a comissão não afirma que eles sejam gravados pela mão do homem, ou pela lima do tempo”.

Justificando a sua natural prudência, os signatários do relatório mencionam alguns fenômenos naturais, semelhantes a formas estranhas: “Assim como a natureza esculpiu sobre a rocha de ‘Bastia’ a forma de um leão em repouso; na gruta das Sereias, em “Tivoli” um dragão em ar ameaçador; e na mesma Gávea a forma de um mascarrão trágico; assim como ela eleva pontes naturais, constrói fortificações e baluartes, que ao primeiro lampejo de vista fazer crer ao viajor monumentos da mão do homem, assim ele podia gravar na rocha viva aqueles caracteres que podem mais ou menos por suas formas aproximarem-se a algumas das letras dos alfabetos das nações antigas e orientais...”

Entrando na descrição dos caracteres vistos naquela pedra da Gávea, afirmam os membros da comissão: “Que a inscrição da Gávea se acha colocada de uma maneira van-

---

(1) RELATÓRIO SOBRE A INSCRIÇÃO DA GÁVEA, In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Tomo I, 1856, pp. 98-103;



tajosas a estas conjecturas: voltada para o mar, em uma face da rocha cúbica, pouco escabrosa, com caracteres colossais de 7 a 8 palmos, ao rumo de L. S. E., pode ser vista a olho nu de todas as pessoas que por ali passarem; e notável é que os habitantes daqueles lugares todos conhecem as letras da pedra. A inscrição assim colocada está exposta à fúria das tempestades e dos ventos do meio-dia, e por consequência deve estar mui safada, tanto mais que o granito da pedra, em que está gravada, é de uma consistência menos forte, por conter muito talco e mica, e na sua base existem três concavidades esboroadas que formam o aspecto de um mascarrão”.

No final do relatório, a comissão inclinou-se mais para a hipótese de os caracteres da Pedra da Gávea serem obra da própria natureza: “...e mais parecem sulcos gravados pelo tempo, entre dous veios do granito, pois com iguais aparências se encontram, não só no lado oposto do da inscrição da mesma Gávea, como em outras pedras destacadas, e principalmente uma grande, que se encontra à esquerda, na base do morro, quando se sobe para a casa do sr. João Luís da Silva”.

Em 1930, o coronel Bernardo de Azevedo da Silva Ramos lançou o monumental livro “Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica”, no qual também estudou os petróglifos do Rio de Janeiro.

Silva Ramos assim interpretou a inscrição do Morro da Gávea: LAABHTEJ RAB RIZDAB NAISINEOF RUZT, que lido da direita para a esquerda, como é próprio daquela escrita fenícia, significaria: TYRO PHENICIA, BADEZIR PROMOGÊNITO DE JETHBAAL. (2)

Segundo aquele autor, “dada a hipótese de não a termos interpretado fielmente, resta-nos o consolo de que bem empregamos o nosso tempo, determinando com nossas modestas investigações o estímulo aos competentes, que nos perdoarão esse alvitre”.

Sabe-se que o reinado de Jethbaal ocorreu no período de 887 – 856, antes da era cristã. Nos livros que tratam do povo fenício, Jethbaal aparece também com os nomes de Ethbaal e Itobaal. O seu primogênito Badezir reinou em Tiro, no período de 855 a 850 a.C.

Na lista dos reis de Tiro, Badezir também aparece sob os nomes de Baalazar e Badezor.

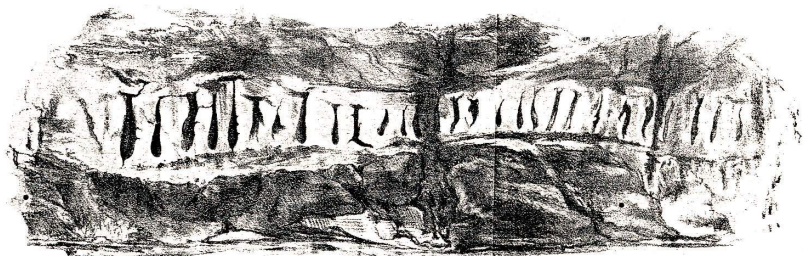
A cronologia apontada pelas pretensas inscrições da Pedra da Gávea, talvez coincida com a época em que os navios fenícios tenham aportado às praias do Rio Grande do Norte...

---

(2) SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscrições e Tradições da América Prehistórica, 1º vol., p. 436-v.



## INSCRIÇÃO DA GAVIA<sup>4</sup>



---

<sup>4</sup> Gravura reproduzida da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Tomo I, 1856, retratando a Inscrição da Gávea.

# As Inscrições Fenícias do Rio Paraíba do Sul

O Marquês de Sapucahy, Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, sediado no Rio de Janeiro, recebeu uma carta escrita no dia 11 de setembro de 1871, assinada por Joaquim Alves da Costa. Este comunicava a descoberta de uma pedra contendo inscrições desconhecidas, encontrada por um seu trabalhador escravo, na fazenda Pouso Alto, no vale do rio Paraíba do Sul. A pedra foi inadvertidamente quebrada em quatro pelo escravo que a transportava. Um filho do fazendeiro, que tinha uma certa habilidade para a arte do desenho, copiou as inscrições, trabalho que foi enviado juntamente com a carta escrita por Joaquim Alves da Costa. O signatário dirigia um apelo ao Marquês de Sapucahy, “para ver se Sua Excelência ou outro possa averiguar o que estas letras significam”.

O assunto foi confiado ao sócio daquele Instituto, Ladislau de Souza Mello e Netto, que tentou sem sucesso localizar o fazendeiro Joaquim Alves da Costa e a propriedade Pouso Alto.

Ladislau Netto havia regressado dos seus estudos em Paris, onde fora aluno de Ernest Renan, autoridade em arqueologia púnica. O Imperador Pedro II dedicava sua pro-

teção à pessoa de Ladislau Netto (1838 – 1894), concedendo-lhe uma bolsa de estudos na França, de onde regressou com o título de Doutor em Ciências Naturais pela Sorbonne. Ladislau também ocupou o cargo de Diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Em 1º de abril de 1873, o jornal “A Reforma” publicou uma carta de Ladislau Netto, pronunciando-se pela origem fenícia da pedra encontrada em Pouso Alto, no Rio Paraíba do Sul. O assunto gerou grande polêmica à época, culminada com a retratação de Ladislau Netto, que publicou uma carta ao seu antigo mestre Ernest Renan, em 1885, confessando haver sido logrado por uma certa pessoa, estudiosa de línguas orientais...

CYRUS HERZL GORDON, americano, nascido na Filadélfia em 1908, eminente orientalista, professor, especialista em estudos ugaríticos, Diretor do Departamento de Estudos Mediterrâneos da Universidade de Brandeis, em Waltham, Massachussetts, teve a sua atenção voltada para o tema da pedra do Rio Paraíba do Sul, chegando à conclusão de que a inscrição era autêntica! O texto da pedra, inicialmente encarado por Gordon como uma falsificação, foi pelo mesmo considerado genuíno, em 1968, baseado no fato de a pedra empregar uma terminologia fenícia desconhecida dos arqueólogos da época da sua descoberta. Gordon logrou traduzir a 8ª linha do texto, graças à descoberta

de novas inscrições, contendo formas gramaticais, léxicas e estilísticas desconhecidas em 1872.

Todavia, até hoje, nunca se pôde encontrar a pedra da fazenda do Pouso Alto...

Segue-se a versão para o português, baseada na interpretação do Dr. Gordon dada ao texto da pedra do rio Paraíba do Sul.

“SOMOS CANANEUS SIDÔNIOS, DA CIDADE DO REI MERCADER. SOSSOBRAMOS EM ESTA ILHA LONGÍNQUA, PAÍS MONTANHOSO. SACRIFICAMOS UM JOVEM AOS DEUSES E DEUSAS CELESTIAIS NO DÉCIMO-NONO ANO DO REINADO DO PODEROSO REI HIRAM, E ZARPAMOS DE EZIONGEBER ADENTRANDO-NOS NO MAR VERMELHO. VIAJAMOS COM DEZ NAVIOS, E NAVEGAMOS JUNTOS POR DOIS ANOS AO REDOR DA ÁFRICA. ENTÃO FOMOS SEPARADOS PELA MÃO DE BAAL, E JÁ NÃO FALAMOS COM NOSSOS COMPANHIEIROS. ASSIM TEMOS VINDOS AQUI, DOZE VARÕES E TRÊS MULHERES, À “ILHA DE FERRO”. SOU EU, O ALMIRANTE, UM HOMEM QUE FUGIRIA? NÃO! QUE OS DEUSES E DEUSAS CELESTIAIS NOS FAVOREÇAM!”





# **Padre Francisco Corrêa Teles de Menezes, Um Precursor da Arqueologia Brasileira**

O padre Francisco Corrêa Teles de Menezes nasceu na cidade de Olinda – PE, por volta de 1745. Filho legítimo do licenciado Manuel Corrêa Teles e D. Rosa de Vasconcelos Saraiva, transferiu-se na infância para os sertões do Apodi, acompanhando os seus pais.

Ordenou-se sacerdote depois de ter cursado o Seminário de Olinda, recebendo as ordens sacras das mãos do bispo Diocesano, Dom Francisco Xavier Aranha. Ordenado aos 27 anos de idade, Francisco regressou então para o Apodi, onde cantou a sua primeira missa. Percorreu ele os sertões do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Conduzindo, consigo, um altar portátil e todos os paramentos levou ele a sua assistência espiritual àqueles ermos rincões.

De 1799 a 1806, o padre Francisco Corrêa Teles de Menezes percorreu os sertões nordestinos, movido pela idéia de encontrar riquezas soterradas pelos jesuítas e flamengos. O padre Menezes reuniu suas observações em um manuscrito intitulado “Lamentação Brasília”, posteriormente oferecido ao Príncipe-Regente D. João. Na terceira parte do trabalho, o autor descreve inscrições lapidares, de significado desconhecido, encontradas em 230 locais do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Tais inscrições foram aber-

tas a cinzel em grandes pedras de face lisa e aprumada, e também lavradas com tinta encarnada da cochonila, encontrando-se algumas pinturas feitas com tinta preta.

Acha-se arquivado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, desde o ano de 1858, o "Mapa curioso de novo descoberto. Parte terceira da Lamentação Brasília dividido em seis capítulos", onde figuram 34 desenhos de inscrições de autoria do Pe. Menezes.

O autor concluiu o seu trabalho na Freguesia de Pau dos Ferros, Ribeira do Apodi, Capitania do Rio Grande do Norte (3).

O padre Teles de Menezes faleceu com quase um século de existência, na então Vila da Princesa (atual Açu –RN, tendo sido sepultado na matriz de São João Batista daquela localidade (4).

Na descrição do Pe. Teles de Menezes aparecem algumas curiosidades que podem indicar a presença de povos navegadores, talvez de passagem pelo território nordestino.

Assim, ao tratar dos letreiros lapidares encontrados no Ceará, o padre Teles de Menezes menciona, dentre outros, os seguintes:

Avarjado, fazenda na Serra Grande (Ibiapaba). Saindo desta fazenda para a Varge-Grande, na distância de uma légua, ao lado direito, fora da estrada, na distância de mais de um quarto de légua pelo tabuleiro a dentro, contam os vaqueiros dessas fazendas haver muitos letreiros nas pedras, e que

em duas emparelhadas tem formas de navios ou barcos, e em uma, que está sobre outra, se divulga uma figura humana, tudo esculpido de tinta encarnada, e que algumas estão tão vivas como se fossem esculpidas, há poucos dias, além, de outros caracteres que eles não sabem expressar (5)".

Camará, serra. Na estrada que vem da vila do Icó para esta serra, já no plano dela, perto da estrada, dizem haver um pico, que da vila se enxerga, a que alguns chamam Frade, e em cima do qual dizem alguns se divulga a forma de uma imagem de Santo Antônio. Ouvi uma índia, que no lugar São Bento vira imagens esculpidas em uma pedra, que ela admirou. Colhi de outro habitante, que nesta pedra, ou em outra junto a ela, está um letreiro, que muitos têm visto e não o entendem (6)".

Cangati, na ribeira do Curu. Por este ribeiro acima, na fazenda do Cangati, contam os habitantes, que há alguns letreiros nas pedras. E desta fazenda para baixo, buscando o Siupé, à beira da estrada, dizem estar um leão esculpido em uma pedra, perto da qual, ao pé de outra pedra, se achou um fosso, donde se julga sacou tesouro (7)".

Casa-da-Cidade, no Aracatiaçu. Diz Mateus Franco, que, antes de chegar a Serra Caminhadeira, há uma loca de pedra com letreiros encarnados, a que chamam Casa-da-Cidade pelas muitas novidades que ali acharam. E que em

uma pedra comprida, para cima, bastante alta, entre os letreiros está esculpida a forma de um navio (8)".

Jaburu e Mulungu, fazendas de Cratiús. Perto destas fazendas, refere José Barbosa, que há uma serrota de quase 2 léguas, onde tem muitos letreiros, e formas de navios impressas nas pedras (9)".

No que se refere a curiosidades, encontradas no RIO GRANDE DO NORTE, capazes de indicar a possível presença de navegadores visitantes, o Pe. Teles de Menezes faz menção a algumas delas:

Lanchinhas. Este lugar dista da capela do Campo Grande 2 ou 3 léguas. Refere Manuel Calheiros morador nas varges do Apodi com outros, que aqui existem sobre um lajedo 2 lapas grandes, quadradas, com forma de mesas, cousa feita por mãos humanas. E que as pedras deste lugar estão todas assinaladas de muitos caracteres desconhecidos. Não sei, se lhe chamam Lanchinhas por causa das ditas lapas ou por conter impressas nas pedras caracteres de lanchas ou navios (10)".

Passagem Funda. Me disse uma índia velha da nação Paiacu, que para a parte do nascente, obra de uma légua, dentro dos bosques, andando ela à caça com outros, há muitos anos, saíram a um lajedo de pedras ao pé de uma pederneira

ou serrote, admirou ver umas figuras humanas feitas de pedra, sentadas, emparelhadas, em dois cantos de uma salinha de uma furna natural; uma com a cabeça inclinada para uma banda, com a face sobre a mão, e a outra mão na ilharga. E a outra com uma mão na cabeça e a outra sobre o peito, à maneira da Madalena. E ao redor delas muitas pinturas pelo plano e lado das pedras. E que do teto da salinha manava uma fontezinha de água salgada, que indo eles sequiosos, a não puderam beber (11)".

Na então Capitania do PIAUÍ, também aparecem indícios de povos navegadores talvez vindos do Velho Mundo:

Inhuma, fazenda. Ouvi um habitante dizer, que neste lugar estão muitos letreiros nas pedras, de tinta encarnada com figuras humanas e navios (12)".

Podemos considerar o Pe. Francisco Corrêa Teles de Menezes, um precursor das pesquisas arqueológicas no Brasil. É bem possível que a maioria dos citados petróglifos por ele encontrados ou mencionados, já tenha desaparecido no decorrer dos últimos duzentos anos. Tenta reencontrar aquelas curiosidades indicadas pelo Padre Menezes, seria uma tarefa difícil, mas de interesse para a Arqueologia.

- (1) PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres, pp.311-315;
- (2) SACRAMENTO BLAKE, Augusto Vitorino Alves. Dicionário Bibliográfico Brasileiro, 2º vol. , pp. 430-432;
- (3) INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO 150 ANOS. p.52;
- (4) PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. obra citada, pp.314-315;
- (5) ALENCAR ARARIPE, Tristão de. Cidades Petrificadas e Inscrições Rupestres no Brasil, pp.240-241;
- (6) \_\_\_\_\_. Obra citada, p.242;
- (7) \_\_\_\_\_. Obra citada, p.242;
- (8) \_\_\_\_\_. Obra citada, p.243;
- (9) \_\_\_\_\_. Obra citada, p.247;
- (10) \_\_\_\_\_. Obra citada, p.262;
- (11) \_\_\_\_\_. Obra citada, p.264;
- (12) \_\_\_\_\_. Obra citada, p.271;

# Os Fenícios do Professor Schwennhagen

Em sua edição de 02 de julho de 1926, o jornal O Seridoense, editado em Caicó/RN, transcrevia um artigo publicado em O LIBERTADOR, de Manaus AM, tratando da possível presença fenícia no Brasil, inclusive no Nordeste:

“Em 950 a.C. entraram os Fenícios numa aliança com os povos tupis, que moravam nas Antilhas e no país Caraíbia, hoje afundado no Mar Caraíbico. Durante 50 anos emigraram os Tupis, que eram um ramo dos povos cários e pertenciam à raça branca atlanto-européia em navios fenícios, para o Norte e Nordeste do Brasil.

Em 850 a.C. proibiu o Senado de Cartago a emigração para a ‘grande ilha do Oceano’, rejeitando a despovoação completa do território cartaginês. Esse fato prova que naquele tempo o estado econômico do Brasil era tão próspero que esse país atraiu muitos imigrantes.

Com o auxílio dos Tupis e aproveitando os indígenas tapuios como trabalhadores, os Fenícios e os engenheiros egípcios por ele contratados, iniciaram trabalhos extraordinários, no inte-

rior do Brasil como indicam as inscrições, feitas em letras fenícias e egípcias, ficou estabelecida a estação marítima central perto do Cabo S. Roque, na ponta do Cabo S. Roque, na ponta do Rio Grande do Norte.

Ali existe um lago, hoje chamado Boqueirão, que é ligado com o mar por um canal, antigamente bem navegável.

Lá foi fundada a cidade Tyros (nova), nome que no correr do tempo, mudou para Touros.

De lá saíam duas estradas centrais para o interior; uma no rumo do Sudoeste, que ficou sucessivamente prolongada até o Paraguai, para encontrar ali o ponto final da navegação dos Fenícios, no rio da Prata, onde agora o teosofista coronel Fawcet está procurando as ruínas duma grande cidade. Essa estrada, desde o Rio Grande do Norte até a fronteira de Mato Grosso, é indicada por mais de cem inscrições, dando as distâncias em medida egípcias, como constatou o engenheiro francês Apolinário Frot, que trabalha há 20 anos no interior da Bahia.

Essa estrada central tinha muitos ramais para as diversas zonas de mineração e era ligada com os portos de mar dos rios Paraíba e São Francisco. A grande inscrição da pedra lavrada,



na Paraíba, representa o roteiro dessa estrada, com indicações minuciosas a respeito do rumo, das distâncias e da posição das minas.

A outra grande estrada, saindo do Cabo São Roque no rumo do poente, passa no Ceará, Piauí, Maranhão e Pará e andava até o Acre, respectivamente até as minas de Bolívia. Grandes trechos dessa estrada existem e foram aproveitadas pelos sertanejos dos respectivos Estados. As grandes inscrições no Ceará, do Rio Jaguaribe, de Quixadá e Uruburetama são itinerários dessa estrada, da qual um ramal ia às minas de cobre de Viçosa. A estrada principal atravessava a Serra da Ibiapaba, na altura de Ipu, onde os engenheiros construíram uma estrada de serpentinas, para subir o alto barranco da serra. Os restos dessa obra foram encontrados, quando a nova estrada de rodagem ali ficou construída, por ordem do Dr. Epitácio Pessoa. De lá passava a estrada pelo Piauí e rio Parnaíba, na altura de União. De lá ia a estrada através do Maranhão até o alto do Mearim e de lá pelas cabeceiras do Pindaré, Gurupi e Capim até a confluência do Tocantins e Araguaia, continuando dali até o Acre. Os delegados das 14 cidades dos Tupinambás do Pará, que chegaram por terra a São

Luís do Maranhão, para convidar o padre Antônio Vieira, explicaram bem o rumo dessa antiga estrada, segundo relata o padre nas suas cartas.

Um ramal dentro do território maranhense, saiu do Mearim para os rios Turi-Açu, Maracasumé e Gurupi, para encontrar a zona aurífera entre Maranhão e Pará. Os chamados Montes Áureos e as minas de ouro, hoje monopolizadas pelo Sr. Guilherme Linder, foram conhecidas pelos fenícios. Essa estrada existe ainda hoje e foi usada, no tempo do império como estradas militares, organizadas por ordem de Dom Pedro II, para policiar aquela antiga estrada de minas, indicada pelas inscrições fenícias.

Os tupis escolheram para suas residências as terras férteis da ilha do Marajó, o litoral do Maranhão, com o centro na ilha Tupaón (São Luís), a Serra da Ibiapaba (o paraíso brasileiro), as serras do Rio Grande e Paraíba e as terras do baixo rio São Francisco. Além disso, eles fundaram colônias, respectivamente tabas fortificadas ao longo das estradas, para segurar as comunicações e os comboios de mercadorias. Os fenícios tinham sempre à sua disposição até 10.000 tupis-guaranis, isto é, guerreiros da raça tupi. Assim se explica a larga expansão dos tupis e a

implantação da língua tupi até o Paraguai e a Bolívia.

Ludovico Schwennhagen.” (1)

Em 1926, encontrava-se em Natal o professor, etnólogo e filólogo austríaco Ludovico Schwennhagen, que dois anos depois publicaria, através da Imprensa Oficial do Piauí, o seu livro “Antiga História do Brasil”, em que trata da possível presença fenícia no País. O natalense, ante a dificuldade de pronunciar o sobrenome arrevezado do austríaco, preferiu transformá-lo em “Chovenágua”... O professor, como constataremos a seguir, utilizava-se de um processo *sui generis* para chegar às suas conclusões “arqueológicas” e “históricas”. Assim o demonstra um artigo, por ele publicado:

Schwenhagen inicia o referido artigo, descrevendo a viagem por ele realizada a Touros, “a linda cidade das praias mais ventanosas do Norte”...

Chegado à povoação (hoje cidade) de Pureza, o professor deparou-se com uma fonte natural de água cristalina, “que dá nascimento ao rio Maxaranguape”. Imediatamente, Schwennhagen valeu-se de seus conhecimentos do idioma tupi: “Esse nome é interessante. Anguape significa na lín-

---

(1) SCHWENNAGEN, Ludovico. O Primeiro Descobrimento do Brasil em 1.100 a.C.

gua tupi riacho das almas, e maxará é felicidade. O significado do nome inteiro é água da fonte das boas almas, que mandam ao povo a felicidade da vida”...

O professor Ludovico examinou então, com muita curiosidade, a formação das pedras que cercam aquela fonte de Pureza, concluindo que:

“Repara-se sem dificuldade que as paredes interiores dessas pedras são cortadas pela mão humana. A fonte é uma pequena represa de água, dentro do rochedo, para formar um poço fundo e guardar água fria e limpa. Esse sistema de prender fontes naturais é muito antigo e usado em todos os países com verão quente e seco. Nas minhas viagens pelo sertão do Nordeste já encontrei muitas fontes semelhantes e cascatas altas, chamadas bicas, feitas pelos antigos brasileiros.” O poço de Pureza não é, conforme minha opinião, obra da natureza; ele foi construído para o abastecimento da primeira estação da estrada, que saía de Touros, no rumo do sudoeste, e por isso a fonte de Pureza pertence ao ambiente histórico de Touros mesmo”.

Em seguida, o professor emite a sua “apressada” opinião sobre a cidade de Touros, no litoral norte-rio-

grandense:

“O passado da cidade de Touros, que era na chegada dos portugueses uma aldeia de pescadores, fica marcado por uma pedra alta da forma duma coluna, que estava encima da pedreira, ao lado do sul do porto. Essa coluna abalou em 1910 e caiu para abaixo ao mar, onde se repara ainda uma parte, enquanto o resto ficou coberto pela areia”.

A seguir, o professor descreve o ambiente natural do porto de Touros:

“A duna alta, que protege a cidade contra a invasão do mar, tem a extensão de 400 metros e é flanqueada por duas grandes pedreiras, que seguram as paredes da duna. O porto está ao lado do norte da duna e fica formado por uma baía redonda, com um diâmetro de 800 metros. No fim dessa baía está o farol, chamado de Olho D’água, o qual marca a viração da costa, do rumo de nordeste para o rumo do Pará; i.é. de noroeste”.

Prossegue o prof. Ludovico, expondo a sua teoria da

presença fenícia no Brasil:

“Os antigos navegadores fenícios conheciam bem essa posição importante de Touros, e por esse motivo eles resolveram fundar ali uma grande estação marítima. A baía é bastante funda e o acesso não fica impedido por pedras ou recifes. A linha mais curta de navegação entre o Brasil e o Velho Mundo é a linha Touros – Dakar (na costa da África), e essa linha foi aquela que freqüentaram primeiramente os navios dos fenícios. Mais tarde acharam eles mais vantajosa a travessia desde as Ilhas Canárias para Touros. Na última época da navegação fenícia, realizou-se a travessia também entre as Canárias e Natal, resp. a foz do Rio Grande do Norte”.

Iniciando a série de “provas” do que afirmava, Schwenhagen aponta primeiramente que:

“Aquela pedra alta, que estava encima da pedreira do porto de Touros e abalou em 1910, era uma coluna tosca de altura de 2,5 metros. A altura da pedreira é de 6 a 7 metros acima do nível médio do mar, de modo que a ponta da coluna esteve 9 metros acima do mar. Na antigüida-

de foi a coluna talvez mais alta. Ela quebrou, enfraquecida pelo tempo de dois milênios, e rolou no mar, embaixo da pedreira”.

Baseando-se em informações prestadas por velhos moradores de Touros, o professor Schwennhagen continua a sua explanação:

“a coluna tinha, no lado dirigido contra a cidade, sinais e letras duma antiga escritura, semelhantes aos sinais dos letrados, que se encontram em tantos outros lugares do Nordeste do Brasil”.

A explicação encontrada pelo professor para aquela coluna outrora existente no porto de Touros foi a de que:

“A coluna era um farol erigido pelos fenícios, como estes construíam altas balisas e faróis em todas as costas, onde eles fundaram colônias. No delta do rio Parnaíba estava também um tal farol, chamado pelos modernos “Pedra de Sal”, hoje transformado num farol da Marinha Brasileira. Na antigüidade foram colocados encima dos rochedos, pedras e colunas que serviram de faróis, pequenos tachos com pedaços de lenha,

breu e piche, que queimavam durante a noite”.

Data Venia, somos inclinados a supor que a coluna descrita pelo professor, seria tão somente o marco que delimitava, pelo lado setentrional, uma data e sesmaria concedida a João Fernandes Vieira, no dia 24 de junho de 1666. Tais terras, doadas pelo capitão-mór do Rio Grande Valentim Tavares Cabral, mediam dez léguas em quadra, desde o rio Ceará-Mirim até o porto do Toiro, local onde foi chantado aquele marco.

Como segunda “prova” de sua tese, Schwennhagen aponta o próprio topônimo TOUROS:

“A grande metrópole da Fenícia tinha o nome Tur, como ele é escrito na Bíblia dos Hebraicos. Em algumas inscrições se encontra a forma Turo e Turos; os gregos escreveram Tyros, os romanos escreveram Tyrus e os portugueses Tyro. Na língua tupi, que era uma irmã da língua fenícia, encontramos Tur e Tyr, que significam um lugar alto ou fortificado. Quando os fenícios resolveram fundar no lugar de Touros uma estação marítima, com a sede da administração de seu domínio colonial no Brasil, deram eles a esta importante estação o mesmo no-



me que tinha a metrópole da fenícia. É muito provável que eles usaram a forma Turos, qual nome ficou até a chegada dos portugueses, que o modificaram em Touros, por causa da maior simplicidade...”

Finalmente, o professor Ludovico expõe uma terceira “prova” de sua afirmações:

“A terceira prova é o canal de água doce, que liga o porto do mar com o ‘lago geral’, que se estende atrás da linha das dunas e de areia infértil. Esse lago foi a condição indispensável para a fundação da estação marítima. As frotas, chegando do alto mar, necessitavam dum lugar seguro, e de estaleiros para repousarem e receberem os consertos necessários. O lago não é muito fundo, mas sua água chega bem para trazer veleiros de grande calado. Em redor do lago a terra é muito fértil e dá lugar para uma população agrícola e laboriosa. O canal é hoje estreito e não mais navegável; mas sua linha reta mostra a obra de homem, e para os fenícios, cujos navios chegaram cheios de boas mercadorias, não foi difícil encontrar os trabalhadores indígenas, para cavarem um canal de 10 quilômetros, pela terra

arenosa. Então, a situação na antigüidade era a seguinte: a cidade de Turos dominava o porto do mar, tinha o farol e um destacamento militar para proteger o porto. Atrás estava o tago, i.é, o lago com o porto terrestre, com os arsenais e estaleiros, e com uma grande aldeia, cujos habitantes trataram de agricultura e criação. Os portugueses encontraram ainda a denominação tago, usada pelos indígenas, e traduziram essa palavra fenícia-tupi em lago geral”.

Em seguida Schwennhagen menciona a pessoa do engenheiro francês, Dr. Apollinario Frot,

“que viveu durante 25 anos no interior da Bahia e colecionou ali cerca de 100 inscrições e letreiros, me mostrou a cópia duma grande inscrição, a qual ele decifrou no seguinte termo:

– Chegamos pelo alto mar, com viagem longa, para este país. Passamos pelo canal ao grande lago, onde ficaram os navios. Dali andamos por terra na estrada, 700 medidas (a medida egípcia corresponde quase com o moderno quilômetro). Aqui começamos o serviço de explorar as minas de prata, etc.”

“Comparando esse texto com as inscrições de Pedra Lavrada, em Jardim do Seridó, acho eu a decifração dada pelo Dr. Frot muito razoável. Mas o Sr. Frot declara, que o grande lago seja o lago de Extremoz e o canal de entrada seja a Redinha, enquanto minha opinião visava o lago geral de Touros. Finalmente, o exame pessoal das duas localidades me deu uma solução satisfatória”.

Prossegue o professor Ludovico, explicando a chegada dos fenícios à costa do Brasil:

A primeira frota de Fenícios chegou, conforme os documentos de Diodoro da Sicília, nas costas do Brasil cerca de 1.100 anos antes de Cristo. Em 1000 A.C., os Fenícios já conheciam todos os grandes rios do Brasil e propuseram aos reis da Judéia, David e Salomão, uma aliança para explorarem as minas auríferas do Alto Amazonas. As frotas aliadas dos Fenícios e Hebraicos navegaram nesse rio até 960, i.é., até a morte de Salomão. Depois procuraram os Fenícios a aliança com os povos tupis da Caraíbia, e estes imigraram, em navios dos Fenícios no Norte do Brasil, entre Maranhão e Ceará, na época de 900 a 850 A.C. Depois da domiciliação

dos Tupis, estes forneceram aos Fenícios, conforme o contrato de aliança, os guerreiros mercenários (tupís-guaranis) para a penetração ao interior do Brasil. Os Fenícios, uma nação pequena, não pôde mandar forças militares nacionais para todas as suas colônias; por isto eles procuraram em toda a parte a amizade com povos que puderam fornecer-lhes soldados mercenários. Tendo assim o auxílio de milhares de Tupis, que foram guerreiros briosos, armados com boas armas de bronze, fornecidas pelos Fenícios, estes podiam iniciar o grande empreendimento da penetração ao interior, da colonização e da exploração das minas. Para esse fim, eles necessitaram duma certa administração, cuja sede devia ser unida com a estação marítima central, e para a qual ficou escolhido o lugar de Touros, devido à sua posição geográfica. Assim, podemos colocar a fundação de ‘Turos’, como estação marítima e sede da administração colonial, na época de 800 anos A. C. Nessa posição Ficou ‘Turos’ durante diversos séculos”.

Entra então, o professor Schwennhagen, no assunto da construção de estradas, que cortavam o território sob domínio fenício:

“Para o interior foram organizadas de lá, duas longas estradas de penetração, uma para o poente, no rumo do Ceará; a outra no rumo do sudoeste. Desde o ano 700 A. C. chegaram ao Brasil os navios dos Fenícios, e contratados por estes, engenheiros, mineiros, mestres de obras e trabalhadores egípcios, e com esses elementos inauguraram os Fenícios a época das grandes obras de mineração, também da construção de açudes e cascatas, da cachoeira de Paulo Afonso (sic), da canalização do vale do Baixo S. Francisco, e muitas outras. A essa época pertencem as inscrições mineiras do Seridó e também aquela da Bahia, que decifrou o sr. Apollinario Frot”.

Em seguida, o professor austríaco relembra a presença do mestre de campo Luís Barbalho Bezerra no porto do Touro, em 1638 (na realidade, em 1640), ali desembarcado com 800 soldados (foram 1.430), pretendendo atingir a Bahia por terra:

“As estradas, que saíram de Touros, foram ainda conhecidas e freqüentadas pelos indígenas no tempo da chegada dos Europeus. Os indígenas de Touros prestaram todo o auxílio aos portugueses e conduziram-nos com bagagem e todo

seu pessoal na antiga estrada, até o curso médio do rio S. Francisco, onde o destemido capitão português ficou um grande obstáculo contra a expansão dos Holandeses. Mas quando estes ouviram que Luís Barbalho tinha desembarcado em Touros, eles ocuparam logo esse lugar e colocaram 3 peças de artilharia, que estão ali ainda”.

Na realidade, os canhões existentes em Touros foram ali colocados em 1818, conforme informa o mestre Luís da Câmara Cascudo (4).

Insurge-se o professor Luduvico contra a dedução do seu colega Frot, de que a lagoa de Estremoz , e não o lago geral de Touros, teria servido de abrigo para a frota fenícia:

“Mas, como pode provar o Sr. Frot, que a antiga estação marítima foi Estremoz? – Eu acho que Estremoz foi a segunda estação, construída depois do ano de 600 A. C. O lago ali é muito maior, mais fundo e mais ameno. O canal, hoje chamado Redinha, tem o comprimento de 12 quilômetros só, e sem dificuldade se observa, que o canal era antigamente mais largo e mais fundo. Para um engenheiro egípcio que conhecia da sua terra centenas de canais artificiais, com

sua construção e conservação, foi a obra fácil-  
ma, ligar o lago de Estremoz com o mar, por um  
canal navegável. A região desse lago possuía  
naquele tempo muita madeira boa para os esta-  
leiros e as construções navais”.

Continua o professor austríaco, derramando a sua e-  
rudição:

“Sabemos dos livros de historiadores gre-  
gos que entre Tyro, a metrópole fenícia, e Car-  
tago, a poderosa colônia-filha, existiu durante  
séculos uma forte animosidade e concorrência.  
Depois, cerca de 600 anos a.C. foi lavrado um  
acordo que estipulou definitivamente quais co-  
lônias pertencessem a Tyro e quais ficassem no  
poder dos Cartagineses. É muito provável que o  
acordo tratou também do Brasil e que os Fení-  
cios cederam aqui certos direitos comerciais aos  
Cartagineses. Por isso foram organizadas duas  
estações marítimas do mesmo tipo e sistema.  
Assim, a foz do Rio Grande do Norte já teve, há  
2.000 anos um grande movimento marítimo e  
comercial”.

Schwennhagen também explica a existência de um

subterrâneo, em Estremoz, que ligava a antiga igreja à lagoa:

“Estremoz possui um longo subterrâneo, que foi talvez um armazém de mercadorias e depósito de armas dos antigos navegadores. Os jesuítas também tinham sempre uma predileção para corredores subterrâneos, e onde eles encontraram no Brasil subterrâneos antigos, logo os aproveitaram para os seus fins especiais”.

Segundo o escritor Júlio Gomes de Senna, o subterrâneo de Estremoz provinha de furos autônomos feitos no argilito fronteiro à lagoa. Na boca do subterrâneo encontrava-se uma arcada de alvenaria de tijolo (5).

O historiador Nestor Lima informa que uma criança, residente em Estremoz, sonhou no começo do século com um tesouro deixado pelos jesuítas, representado por onze figuras de apóstolos em ouro maciço. O tesouro ficava escondido no subterrâneo, entre a igreja e a residência dos padres. O subterrâneo era completamente desconhecido dos moradores da localidade, e sua entrada ficava em ponto bem assinalado. Conclui o dr. Nestor Lima:

“Desperta, contou o sonho e foi com seus



pais verificar os sinais percebidos em sonho. De fato, os encontraram. Começaram então, a cavar e a pesquisar a galeria; aí foi encontrada uma vasta abóbada de cerca de um metro e meio de altura atulhada de terra de diferentes matizes. Há no Instituto Histórico uma garrafa cheia de areias coloridas, que foram colhidas no ‘Buraco de Estremoz’, como lhe chamava ironicamente o vulgo, a qual foi ofertada pelo tenente Aristóteles Costa, quando ali exercia as funções de delegado de polícia, em 1913”.

“Fizeram-se escavações em várias épocas, ora animados os exploradores, ora em completo desânimo. O fato é que se têm descoberto ramais da estranha galeria e assim novos indícios do tesouro; mas embalde o têm farejado os exploradores. A igreja é que tem sido vítima da ganância dos pretendentes (6)”.

- 
- (1) SCHWENNHAGEN, Ludovico. O primeiro descobrimento do Brasil em 1100 a.C.
  - (2) \_\_\_\_\_. Touros e Estremoz, as antigas estações marítimas do Extremo Nordeste do Brasil (texto cotejado com o manuscrito original arquivado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Caixa nº 85).
  - (3) LIVRO 1º DO REGISTRO DE SESMARIAS DA CAPITANIA DO RIO GRANDE (1659-1670), fls.22 e verso.
  - (4) CÂMARA CASCUDO, Luís da. Fortificações coloniais no Rio Grande do Norte.
  - (5) GOMES, DE SENNA, Júlio. Ceará-Mirim, exemplo nacional, I, p.440.
  - (6) LIMA, Nestor. Ceará-Mirim, o município. pp.168-169.

# As Estradas e Estações Fenícias, Segundo o Professor Schwennhagen

O professor Schwennhagen publicou na imprensa natalense, um artigo em que descrevia as antigas estradas construídas pelos fenícios, no Rio Grande do Norte e Paraíba(1). Segundo aquele professor, depois de construídas as estações marítimas na costa norte-rio-grandense, os fenícios partiram para a abertura de estradas até o interior do país, que lhes permitissem o acesso às minas localizadas no sertão.

Em seu artigo, Schwennhagen faz menção ao traçado de uma grande estrada, que saía do Rio Grande do Norte chegando até Mato Grosso, com mais de 2.500 quilômetros de extensão! Uma outra estrada saía do mesmo ponto (Touros) e tomava o rumo do poente, dela ainda existindo, segundo Schwennhagen, vestígios por ele encontrados no Ceará, Piauí e Maranhão.

Informa o professor “Chovenágua”, que a chamada Estrada do Poente saía do Lago Geral, em Touros, hoje, a Lagoa do Boqueirão,

“indo primeiro perto da costa até o povoado de Marcos, com 36 quilômetros de distância.

Ali existe na praia uma pedra, em forma duma coluna, com altura de 1 ½ metro e espessura de 80 centímetros. Enxergam-se nela diversos sinais, cravados pelo formão, entre eles uma cruz, como se encontram tais cruzeiros em muitos letreiros. Os moradores contam que a coluna era mais alta, mas alguém quebrou com uma marreta a parte inferior da coluna, opinando que se achava no interior coisas de valor, mas nada encontrando jogou as peças quebradas no mar. O povo achou que esse fato fosse um sacrilégio, devido à cruz, e enfeitou o resto da coluna de maneira que esta ganhou um caráter religioso. Nos últimos anos foram ali enterrados diversos finados, formando um pequeno cemitério. Essa coluna foi indubitavelmente o marco da primeira estação, designando a viagem de um dia, para os comboios que saíram de Touros para o poente. O lugar tem um porto bom para os pescadores, poços perenes de água doce, e para dentro boa terra de lavoura. O povoado, cujo nome anterior não seria difícil encontrar, é muito antigo e chama-se hoje Marcos, porque existem ali mais outros marcos menores sem sinais, que mostram o rumo para o interior. A estrada deixou ali no litoral e continuou no rumo do W.S.W.”.

Aquele marco, que aos olhos do professor Schwenhagen seria um sinal evidente da presença dos fenícios no litoral norte-rio-grandense, era o velho marco de 1501, ali deixado por André Gonçalves e hoje guardado na Fortaleza dos Reis Magos, em Natal... Continua o professor austríaco, descrevendo as estações fenícias:

“A 2<sup>a</sup> estação não pude ainda verificar; a 3<sup>a</sup> estação estava na fazenda Flores do Dr. Eurico Montenegro, na confluência do riacho das Pinturas com o rio Salgado, que tem sua foz em Macau. Esse lugar acha-se a 3 léguas distante da cidade de Angicos. Na margem do riacho existem importantes letreiros, cujas cópias entregará, com certeza, o doutor proprietário da fazenda ao Instituto Histórico. O lugar tem poços de água boa, e antigamente existiu ali uma aldeia dos indígenas”.

A fazenda Flores fica localizada nas lindes municipais de Angicos e Afonso Bezerra, próximo à Serra das Flores.

“A 4<sup>a</sup> estação esteve na ponta da Serra Verde, na fazenda Olho D’água, do coronel Fernando Pedroza, onde existe um poço, resp. uma fonte perene com muita água. O lugar acha-se

entre o rio de Angicos e o rio das Piranhas. A Serra Verde tem seu nome de sedimentos verdes de quartzo nas fendas dos rochedos, donde os antigos mineiros tiravam pedras de jaspe e outras composições finas. Existem ali três furnas, cavadas na procura dessas pedras preciosas”.

RN. A 4ª estação ficava no município de Pedro Avelino

“A 5ª estação, ainda não verificada, esteve provavelmente na margem ou perto do rio Upa-nema. Esse nome significa lagoa desaparecida, o que indica que ali – cerca de 2 léguas distante da vila Augusto Severo, para o norte – existiu um grande açude, que se chama na língua tupi Upá”.

“Nas estações que não tinham poços perenes, foram sempre construídos açudes; uma parte destes existe hoje ainda, outros secaram, depois da saída dos Fenícios, por falta de conservação”.

“A 6ª estação é bem marcada, poucos quilômetros distante da vila de Caraúbas, para o norte. Ali atravessa a moderna estrada de roda-

gem (vinda de Mossoró) um riacho com muitos rochedos, que fazem no inverno uma cachoeira. O lugar chama-se hoje “Pedra Pintada”, devido aos letreiros cravados naqueles rochedos”.

“Quase todas as cachoeiras conservam no verão poços com água fresca; por esse motivo encontram-se no sertão, perto duma antiga estrada, com letreiros que indicam o rumo e as distâncias. O nome ‘Caraúba’ é também significativo: ele indica que os Caris tinham naquela baixa uma colônia agrícola”.

Data venia, o significado do topônimo Caraúbas, deve-se à árvore Caraúba, que no Tupi significa o mesmo que Carahyba: forte, duro, qualificativo relacionado com a natureza do lenho... Segundo o historiador Nestor Lima, Leandro Bezerra, depois de 1760, “foi construir casa de morada e situar uma fazenda de gados no lugar onde existia uma porção de árvores chamadas Caraúbas, e daí, o designativo posto à dita situação...(2)

“A 7ª estação, antes de chegar ao limite do Ceará, se achava a 16 quilômetros da cidade do Apodi, na fazenda do coronel Raimundo Nonato Motta. Ali existe a ‘Cachoeira de Letreiros’,

contendo inscrições bem legíveis”.

“Dessa estrada do Poente saiu de Caraúbas para o sul, um ramal que seguiu para a Serra do Martins e a Serra Furada, no limite da Paraíba. Na Serra do Martins existe a afamada gruta de ‘Trincheiras’, uma grande obra de mineração com longos corredores. A Serra Furada contém uma dúzia de furnas e diversos letreiros”.

Sobre a Gruta da Trincheira, em Martins RN, assim a descreve o historiador Nestor Lima:

“A famosa ‘Gruta da Trincheira’ é o maior interesse turístico do solo martinense. Consta a ‘casa de pedra’ de volumosa mole de granito a-florada ao pé da ladeira das trincheiras, tendo no seu bojo, uma espaçosa sala, onde se podem alocar 500 pessoas e se encontra a fonte cristalina que jorra perene formando estalactites e estalagmites. Ali, reúnem-se muitas pessoas, em festas e convescotes, vindas de várias procedências. Henrique Castriciano, já celebrizou a fonte da Gruta, em versos límpidos e sonoros, que toda a gente sabe de cor e se acham gravados na pedra da Gruta (3)”.



Depois de descrever a denominada “Estrada do Poente”, o professor Schwenhagen passa a citar as diversas estações que formavam a “Estrada do Sudoeste”, que também saía de Touros:

“Teve sua 1<sup>a</sup> estação em Pureza, já descrita no meu artigo precedente (4). A distância é de 32 quilômetros e a antiga estrada andava no mesmo rumo como a nova estrada de rodagem. A respeito da maravilhosa fonte de Pureza, opino eu agora que ela é uma fonte arteziana tirada das inferiores camadas argilosas do solo. Encontrei, entretanto, uma nota do escritor grego Diodoro que declara que os engenheiros babilônicos egípcios sabiam abrir, em regiões áridas, fontes profundas, furando os sedimentos calcários e argilosos. O antigo nome da fonte Maxaranguape (Água das Almas Felizes) indica que ali era a sede dum sacerdote (piega resp. pajé)”.

O local onde se encontra a fonte, corresponde hoje à cidade de Pureza RN, sede do município do mesmo nome.

“A 2<sup>a</sup> estação acha-se na distância de 9 quilômetros de Taipu, na fazenda ‘Jandu’, do Sr. Vital Jorge Correia, onde existe um grande poço

com água perene e uma baixa com terra fértil. Nos rochedos perto do poço são cravados diversos letreiros, cuja cópia será apresentada ao Instituto Histórico pelos cuidados do distinto chefe do município, coronel João Gomes. ‘Jandu’ significa o homem que pressente o futuro – e é o profeta, o que indica também a sede dum pajé”.

“A 3<sup>a</sup> estação estava a 8 ou 10 quilômetros distante de Jardim de Angicos, onde existe uma grande pedra preta com inscrições; perto está uma gruta com muitos sinais”.

Jardim de Angicos é um município do Rio Grande do Norte, desmembrado do de Lajes.

“De lá andava a antiga estrada no rumo da Estrada de Ferro Central, até 3 quilômetros distante da cidade de Lajes; daí ela tomou o rumo de S.S.W. Naquele ponto de viração estive a 4<sup>a</sup> estação, marcada pela ‘pedra de sino’ do Serrote da Tinideira, que é uma colina baixa. Fora dela está um rochedo isolado de 3 metros de altura, sob o qual é pendurado, entre duas pedras laterais, o sino. Ela é uma pedra rômboide de 150cm de largura e 70cm de altura. Sendo batido por

um certo instrumento, esse sino dá um som metálico tão forte, que se pode ouvi-lo a muitos quilômetros. Tais sinos foram meios de comunicação rápida. O poço da estação, com água perene, acha-se na distância de um quilômetro”.

O historiador Nestor Lima também nos dá notícia do Serrote da Tinideira, no município de Lajes RN:

“Serrote da Tinideira, próximo à cidade, um quilômetro, e assim denominada por causa de uma pedra que repercute bem alto o som de qualquer golpe que lhe for vibrado com ferro, ou outra pedra (4)”.

Continua o professor Schwennagen, descrevendo as estações:

“A 5<sup>a</sup> estação, na fazenda ‘S. Vicente’ do Sr. Joel da Assunção, perto do lugar ‘Juazeiro’, no sul da Serra do Bonfim. Ali existe uma fuma de mineração com um grande letreiro”.

“A 6<sup>a</sup> estação estava no ‘Boqueirão das Pinturas’, na serra de Santana do Matos, entre as cidades de Santana e Flores. Os letreiros indi-

cam o trabalho de mineração e as distâncias marcadas com medidas egípcias”.

“A 7<sup>a</sup> estação se encontra na distância de 20 quilômetros de Flores para Sudoeste, entre os lugares ‘Inês’ e ‘Caridade’. Ali está a Serra da Cruz, com diversas formas de mineração. A serra contém chumbo, estanho, enxofre e quartzo branco, o que indica a existência de ouro na profundidade. No meio da serra existe uma grande ‘casa de pedras’, que é uma furna com boca redonda de 2 metros de diâmetro. Passando por um corredor de 4 metros de comprimento, entra-se numa sala de 8 metros em quadro, com paredes lisas e abóbada pontiaguda, com a forma dum telhado. O chão é plano e estreitas fendas laterais do teto deixam entrar uma luz meio clara. A parede contém letreiros, semelhantes àqueles do Seridó; no fundo se enxergam as entradas de dois corredores obscuros que andam em volta do interior da colina. Fora da entrada vêem-se os pedaços duma pedra caída e quebrada, que dão ainda um fraco som metálico. São os restos do sino que foi sobreposto encima da entrada da gruta. Não resta qualquer dúvida que essa ‘casa de pedra’ foi uma estação de antiga mineração e

que a grande sala ficou adaptada para uma morada, dando agasalho para 20 a 25 pessoas”.

A cidade de Flores, indicada por Schwenhagen, corresponde à atual Florânia RN. Os topônimos Inês e Caridade, ficam no município de Caicó. A respeito da Gruta da Caridade, descreve-a o historiador Nestor Lima:

“A Gruta da Caridade, na serra desse nome, a 30 quilômetros ao nordeste de Caicó, é formada de numerosas ‘salas’ ou âmbitos, servidas por outros compartimentos menores, onde se encontra areia fina e água. As ‘salas’ se ligam entre si por aberturas de entrada e saída, sucessivas, que parecem intermináveis. Em pleno meio dia, há completa escuridão na Gruta. As águas de infiltrações formam belíssimas estalactites de notável rijeza. Segundo testemunhos fidedignos, a ‘Gruta da Caridade’ é um fenômeno natural, bastante curioso e que merece exame dos competentes, para efeitos de ‘turismo’(5)”.

Em seguida, o professor Ludovico passa a descrever a região banhada pelo rio Sabugi, ainda no município caicoense:

“De lá passou a estrada o rio Seridó, em baixo da saída de Caicó, e entrou na região do Sabugi, onde estava a 8ª estação. Indo na estrada de Caicó para S. João do Sabugi, na distância de 27 quilômetros da primeira cidade, encontra-se o lugar Carrapateiro. Esse nome é provavelmente corruptela de Carrapati, que significa ‘Palmeiral dos Caris’, que foi o nome da região. De lá sai um caminho para o poente, onde se encontra com 8 quilômetros de viagem um antigo açude, chamado hoje ‘Lagoa de Pedra’, porque ele é segurado por uma longa parede de pedra. De lá sai um sangradouro para o lugar ‘Furna’. Esta até é também uma casa de pedras, cortada no barranco dos rochedos por largas lajes de pedras sobrepostas. O interior da casa tem a altura de 3 metros; as paredes são construídas com pedras grossas, como nas construções ciclópicas dos antigos Pelagos. Nessas pedras das paredes são cravados letreiros indicando a passagem das diversas expedições. Entre os letreiros são desenhadas muitas palmeiras, que explicam o nome, ‘Palmeiral dos Caris’. Na entrada está ainda suspensa pedra rombóida do sino tinindo para longe, quando é batido. Poucos passos fora da casa, está cortado no rochedo um tanque de 2

metros de profundidade, cuja água vem do sangradouro e que é sempre limpa e fria. No lado acha-se uma saída da água, que corre dentro de outros rochedos e irriga depois numa baixa, onde estão ainda muitas palmeiras. Dessa estação continuou a estrada no mesmo rumo de Sudoeste, entrando na Paraíba, onde ainda não pude verificar todas as estações”.

O lugar Carrapateiro, mencionado por Schwennhagen, corresponde à fazenda Carrapateira, cortada pelo rio Sabugi. Segundo fontes fidedignas, a origem do topônimo se prende à abundância de carrapateiras (Ricinus communis Linn. vulgaris Mill.), da família das Euforbiáceas...

Segundo Ludovico Schwennhagen, as duas estradas que partiam de Touros, com seus prolongamentos até o Acre e o sul de Mato Grosso, foram construídas na época de 700 a 600 anos antes de Cristo!... Continua o austríaco dando-nos notícias de mais duas estradas, que saíam do lago de Estremoz:

“Na primeira encontram-se as seguintes estações: 1<sup>a</sup>, Tapitanga, no rio Potengi, perto do engenho do Sr. Manuel Freire, onde nas pedras da margem do rio existem diversos letreiros. O nome antigo era Itapitanga, que quer dizer pe-

dras vermelhas, que se acham ali em Lajes, e no leito do rio se encontram pedras da mesma cor que se podem lapidar e aparecem como rubis”.

“A 2<sup>a</sup>, ‘Lajes Pintadas’ no município de Santa Cruz, com muitos letreiros e duas pequenas furnas de mineração”.

Lajes Pintadas é atualmente uma cidade norte-riograndense, sede do município do mesmo nome. Segundo o escritor Luís da Câmara Cascudo,

“O riacho das Lajes Pintadas tem esse nome por passar ao pé de umas pedras onde estão desenhos rupestres, figuras humanas, valendo fisionomias e outros valores gráficos de interpretação duvidosa, fixados em tinta indelével e vermelha”.

“O riacho é tributário do Rio Inharé e este afluente do Rio Trairi (6)”.

Continua o Prof. Schwenhagen, expondo as velhas estações:

“A 3<sup>a</sup>, o ‘Convento’, no município de Cur-



rais Novos, uma casa de pedras com altas colunas e dólmens”.

“A 4<sup>a</sup>, ‘Cachoeira das Pinturas’, com poços e letreiros, no município de Acari”.

“A 5<sup>a</sup>, ‘Cachoeira da Carnaúba’, no município de Jardim, com poços e letreiros. Provavelmente, era o antigo nome Caraúba, cuja significação já expliquei”.

“6a., ‘Pedra Lavrada do Seridó’, onde existem as inscrições mais importantes do Brasil. De lá passou a estrada para o Sabugi, unindo-se com a grande estrada do Sudoeste. O Sr. José de Azevedo, em Acari, copiou um grande número de letreiros, que indicam essas estações, e compilou um alfabeto muito engenhoso da escritura usada nos petróglifos do Nordeste”.

“Da estação ‘Convento’ saiu um ramal para o Sul, que atravessou a zona das minas de Coité, Picuí e Pedra Lavrada Paraíba, indicado por dúzias de letreiros. De lá saiu um ramal para a serra de Borborema, indo no modo Curimataú (i.é. Região dos Grandes Porcos Silvestres).

Uma estação esteve ainda na Serra dos Caboclos, no município de Areia Branca, onde existe uma grande furna alta com a abóbada artística e o sinal do Pajé. Ali em redor era uma grande aldeia dos Caris que os portugueses chamaram com tanta inteligência Caboclos.”

“A outra estrada saiu de Estremoz para o Sul. Uma das estações foi Canguaretama e é a região da gente alta, com grandes cabeças. Os mineiros trabalharam ali no lugar chamado de Sete Buracos, em que o nome do lago Cunhaú deixa supor que ali foi a sede duma sociedade de mulheres, chefiada por uma profetiza. Uma outra estação estava perto de Nova Cruz, indicada pelos letreiros do calabouço; uma outra em Mamanguape, onde existem subterrâneos. De lá seguiu a estrada para o Sul, até a serra dos Cariris Velhos”.

“Todas essas estradas e caminhos foram ainda conhecidos e freqüentados pela população indígena-brasileira, quando por aqui chegaram os Europeus, em 1500”.

- 
- (1) SCHWENNHAGEN, Ludovico. As estações das antigas estradas que atravessaram o Rio Grande do Norte e Paraíba.
- (2) LIMA, Nestor. Caraúbas, o Município, p.109.
- (3) \_\_\_\_\_. Martins, o Município, p.262.
- (4) \_\_\_\_\_. Lages, o Município, p.207.
- (5) \_\_\_\_\_. Caicó, o Município, pp.54-55.
- (6) CÂMARA CASCUDO, Luís da. Nomes da Terra- História, Geografia e Toponímia do Rio Grande do Norte, p.204.

# OS FENÍCIOS, SUAS MINAS E O PROFESSOR SCHWENNENHAGEN

Através de artigo publicado na imprensa natalense, o professor Ludovico Schwennhagen nos dava notícias das minas exploradas pelos fenícios, no atual território norte-rio-grandense (1). Acompanhemos a narração do professor austríaco:

“Minha primeira viagem de estudos, pelo interior do Rio Grande do Norte, limitou-se a seis municípios do Sudeste do Estado. A tarefa principal foi verificar a afamada inscrição de Pedra Lavrada e indagar o significado desse documento petroglífico, em relação com as riquezas mineiras do subsolo daquela região. Um engenheiro brasileiro descobriu a inscrição, há 50 anos, na margem dum rio, saindo da Serra de Borborema, no limite entre Paraíba e Rio Grande do Norte.

Ele copiou o texto e apresentou uma cópia ao imperador dom Pedro II, com essa vaga indicação do lugar da sua existência. Naquele tempo não existia ainda nenhuma das vilas e cidades

daquela região, e ninguém ainda falava em estradas de rodagem, para percorrer o árido sertão do Nordeste.

No Rio de Janeiro, a cópia da inscrição ficou fotografada e publicada, e nos meios intelectuais levantou-se uma extensa discussão sobre o assunto. Diversos sábios acharam a inscrição muito importante, mas o partido dos incrédulos, que negou qualquer valor do petróglifo, ficou na maioria. Por isso encarregou Dom Pedro o 1º Juiz de Maceió, um senhor muito erudito e familiar nos problemas da pré-história brasileira, de fazer uma viagem ao sertão da Paraíba, para examinar a inscrição. O juiz voltou, três meses depois, declarando que nenhum dos habitantes da região indicada lhe pôde dar qualquer informação a respeito da suposta inscrição. Por esse motivo, chamaram os jornais do Rio de Janeiro a ‘pedra lavrada do Nordeste’, uma grande ‘blague’. Diversos livros, porém como ‘As Duas Américas’ de Cândido Costa e a ‘Pré-História Sul Americana’ de Alfredo de Carvalho, deram a fotografia da inscrição, sem qualquer restrição no tocante à sua realidade.

O Prof. Schwennhagen esteve no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, tentando obter os dados necessários à busca da “Pedra Lavrada”. Baseado em informações complementares, obtidas junto aos Institutos Históricos e Geográficos, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, o professor Ludovico tomou conhecimento da existência da vila de “Pedra Lavrada”, localizada na Paraíba. Por lá pesquisou Schwennhagen, sem sucesso na localização da pedra, cujas inscrições haviam sido apresentadas ao imperador Pedro II. Achou outras pedras e segundo ele indicavam no serviço da antiga mineração, feita por profissionais naquela região, 2.000 anos antes da nossa época”...

Prossegue o Prof. Ludovico Schwennhagen:

“Mas, com tudo isso, não tinha encontrado a afamada pedra lavrada, que mandou examinar dom Pedro II. Um cidadão, porém, disse-me existir, no lado do Rio Grande, mais um lugar de nome Pedra Lavrada; talvez ali pudesse eu encontrar a procurada inscrição. Então, fui a Parelhas e ali o chefe do novo município, major Antônio Elisiário Pereira declarou-me, com certeza, que esse lugar se achava perto da cidade de Jardim do Seridó, onde fica construída uma grande ponte sobre o rio do mesmo nome. Em Jardim,

informou-me o prefeito municipal, Dr. Heráclio Pires, que o lugar da ponte tem realmente o nome ‘Pedra Lavrada’, e que ali se acham letreiros, que ainda ninguém tinha decifrado. Poucas horas depois, estivemos na ponte, a qual ficará uma obra monumental, construída com os recursos financeiros do município, auxiliado pelo Governo Federal. Em companhia do engenheiro Dr. Emílio Alcoforado, examinamos as inscrições, e logo a primeira era a apetecida ‘Pedra Lavrada’, cuja cópia foi apresentada a Dom Pedro II. A parede lisa e polida da pedra, onde está a inscrição, tem a largura de 140 cm e a altura de 120 cm, exatamente como declarou o primeiro descobridor. A forma é retangular com um afixo estreito redondo, no canto inferior do lado direito, que mostra já a antiga fotografia. A parede da pedra é verticalmente cortada com ferramentas agudas na laje decliva, que forma a margem do rio. A suposição de que essa parede pudesse ser cortada por instrumentos de madeira dura ou de pedra, como usaram os silvícolas, e mais a idéia de que a água do inverno tivesse cavado essa parede, e que os índios errantes tivessem escrito essas letras e sinais por ociosidade não merecem ser discutidas. As inscrições de

‘Pedra Lavrada’ são feitas por homens que chegaram ao Brasil de um país de alta cultura, da Fenícia ou do Egito, e que escreveram nestas pedras qual serviço eles tinham aqui executado. Parece inegável que o texto da inscrição é o relatório do chefe duma expedição mineira. Embaixo, no meio da escrita, está o monograma do chefe, um sistema usado em centenas de inscrições de escrita demótica dos Egípcios. No outro conteúdo se acham 42 letras da demótica e 15 sinais da mineração. A cópia tirada há 50 anos difere um pouco da cópia tirada por mim. O primeiro copiadador não tinha ainda prática de ler os antigos letreiros, e depois a escritura já foi muito gasta, no correr de dois milênios, o copiadador fica sempre obrigado a completar as letras, conforme seu próprio conceito. Também se admira porque o primeiro descobridor não copiou ou estudou as outras 8 inscrições, dentre as quais algumas mais importantes do que a primeira. Essas outras são escritas nas faces e chapas das pedras vivas. Não têm paredes cortadas, lavradas ou polidas. A primeira pedra tem escrito em faces um grande monograma artístico do chefe, que dirigiu provavelmente a primeira expedição mineira. Seguem-se 7 outras inscrições, cada



uma com o monograma do respectivo chefe e com uma chapa de orientação sobre o rumo e as distâncias das minas. A inscrição na pedra lavrada e cortada foi talvez a última, cujo autor usou um aparelhamento mais fino, e se repara ainda que as linhas gravadas foram pintadas”.

O Professor Schwennhagen dá então o seu veredicto sobre aquele local, onde foram encontradas as “pedras lavradas”:

“O lugar das inscrições respectivas da grande ponte, onde passa a estrada de Jardim a Caicó, era já na antigüidade uma estação da grande estrada de penetração, que saiu de Touro para o Sudoeste do Brasil. Dentro do território norte-rio-grandense é marcada essa antiga estrada por dúzias de letreiros, que serão devidamente explicados num tratado geral”.

Prossegue o Professor Schwennhagen a sua descrição:

“Da estação do Seridó saíram diversos ramaís para as minas da Serra da Coruja. Ali existem os vastos depósitos de cobre, que os peritos mineiros da antigüidade descobriram com facilidade. Ali eles encontraram também estanho, que

ligado com cobre, dá o bronze. Já 2.000 anos antes de Cristo, descobriram os artistas cários a ligação do bronze, e desde aquele tempo procuraram os navegadores fenícios em toda a parte esses dois metais preciosos, para fornecer armas de guerra a todos os povos bélicos da antigüidade.

A Serra da Coruja, que se estende pelos municípios norte-rio-grandenses de Acari, Parellhas e Jardim do Seridó e pelo município paraibano de Picuí, contém ferro, manganês e cobre em jazidas enormes, e estanho, níquel e enxofre em quantidades rendosas.

Nas inscrições da antiga mineração, são estanho e o níquel, indicados pela meia-lua, a qual significa todos os metais de brilho de prata. Cobre é indicado por um quadrilátero retangular arrendado com linhas transversais. Com essa figura indicaram os mineiros egípcios todas as minas de metais escuros. Mas, inscrições falam também de ouro e pedras preciosas. A figura do sol sempre indica ouro e os raios ou linhas de ligação indicam filões ou cascalhos de pedra branca, onde se encontra o rei dos metais.

O quartzo puro é o amante do ouro; em geral o quartzo aurífero é branco, com a cor de lei-

te; mas ele pode ser também preto. Onde o quartzo se misturou com elementos vermelhos ou azuis, o ouro não entrou; – este também detesta o elemento enganador de mica ou malacheta. No Brasil vale a regra: onde existe ouro, existe também quartzo branco; mas não em toda parte onde está o quartzo branco existe ouro. Os antigos mineiros conheciam essa regra, e o alvo principal dos mercantes fenícios foi a procura de ouro e pedras preciosas. Essas duas mercadoria compraram os reis e nobres do Egito, para acumulá-las nos seus túmulos.

Crentes da ressurreição da carne, quiseram levar para sua vida futura riquezas e adornos, correspondentes à sua dignidade anterior. Por isso quando as expedições dos Fenícios, organizadas para perlustrar o interior do Brasil, encontraram na região do alto Seridó os grandes blocos de quartzo branco, logo elas começaram a procura de ouro.

No nosso planeta, talvez, não existe um outro país, onde o quartzo puro branco existe em quantidades tão grandes, como na Serra da Coruja. O viajante repara diversos montes altos, cobertos por pedras brancas, como nos Alpes ou Andes os cumes altos são cobertos com eterno

gelo e neve. Além disso, cada morro ou serrote mostra 3 a 5 filões de quartzo branco que saíram, na época da formação da crosta terrestre, em estado líquido do fundo do nosso globo. Pelas grandes chaminés do subsolo derramou sempre uma parte desse quartzo líquido e correu para baixo, na pendente do monte. Esta é a origem das largas veias e declivas, que se reparam em toda a parte da superfície da Serra da Coruja.

Os peritos das expedições fenícias compreenderam logo, que ali existisse um ‘el dorado’ por excelência. Tantas massas de quartzo branco deviam conter ouro em abundância. Nos leitos de todos os riachos se encontraram e se encontram hoje ainda, depois de grandes chuvas, pequenas pepitas de ouro, desagregadas do quartzo desmoronado. Também, em quase todos os filões de quartzo se encontram pedaços brancos com ouro cravado. O rendimento em ouro, porém, é pequeno”.

“Mas, na Serra da Coruja a camada superficial é formada, com pedra dura, com ferro, manganês e cobre. Ali o quartzo devia lutar com todos esses elementos, e o ouro, devido ao seu peso três vezes maior, ficou embaixo; somente pequenas quantidades podiam alcançar a super-

fície.

As inscrições indicam que os antigos mineiros abriram diversos filões de quartzo e encontraram o ouro numa certa profundidade. Esse mesmo trabalho deve-se repetir hoje, mas com o sistema aperfeiçoado da mineração moderna. Acho provável que a Serra da Coruja contenha muitas toneladas de ouro, que se pode tirar, sem despesas extraordinárias. De pedras preciosas existem na Coruja rubis, e turmalinas finas. As inscrições indicam-no por uma linha vertical, com pequenas bolas em ambos os lados. No município de Acari e na vizinhança de Picuí foram encontradas muitas dessas pedras, que se deixam facilmente lapidar”.

O Prof. Schwennhagen lança um apelo, visando a exploração racional das minas do Nordeste, no que se revelou um verdadeiro pioneiro:

“O Nordeste necessita urgentemente de novos recursos para seu levantamento econômico e não pode ficar inativo perante essa grande riqueza. São interessados os dois Estados do Rio Grande do Norte e Paraíba. Ouro, cobre, manganês e ferro são os gigantes na ação industrial e

financeira da vida moderna. Uma nação que possui esses gigantes e recusa o auxílio deles para seu desenvolvimento civilizador, comete um crime contra si mesma. Mas existe uma condição indispensável: O prolongamento das vias férreas até a zona mineira. Nas costas de animais ou em caminhões não se transportam minérios pesados. Sendo uma vez garantida a estrada de ferro, as empresas de mineração não custarão a formar-se brevemente”.

---

(1) SCHWENNHAAGEN, Ludovico. As Inscrições da Pedra Lavrada e as riquezas minerais da Serra da Coruja.

# AS INSCRIÇÕES GREGAS DA FAZENDA PEDRA LAVRADA, EM JARDIM DO SERIDÓ

Em 1864, percorreu o Seridó o engenheiro Francisco Pinto, à procura de minas. Em Jardim do Seridó, o mesmo deparou-se com uma inscrição rupestre, conhecida como a inscrição da Pedra Lavrada, na margem do rio Seridó, distanciada dois quilômetros da então Vila de Jardim. O engenheiro copiou cuidadosamente a inscrição, apresentando a respectiva gravura ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, no Rio de Janeiro.

O desenho de Francisco Pinto foi litografado e publicado. Um exemplar foi enviado ao sábio francês Ernest Renan, que identificou 54 letras fenícias naquela inscrição da Pedra Lavrada. Segundo Renan, na cópia não tinham constado muitos caracteres intermediários, nela apenas indicados por pontos (1).

O original desenhado pelo engenheiro Francisco Pinto encontra-se guardado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (2).

Em 1886, o engenheiro de minas Francisco Soares da Silva Retumba visitou aquela mesma inscrição petroglífica, existente em território que julgou ele pertencer à então pro-

víncia da Paraíba. A ocorrência consta de um relatório dirigido por Retumba ao presidente daquela província, datado de 7 de julho de 1886 (3).

O referido relatório foi objeto de divulgação, em 1892, por parte do escritor Irenêo Joffily (4).

Em 1900, o autor Cândido Costa incluiu no seu livro “As Duas Américas”, uma cópia daquela gravura de autoria de Retumba, a qual recebera a designação de “Inscrição da Pedra Lavrada na Província da Paraíba” (5).

Em 1909, João de Lyra Tavares publicou o livro “A Paraíba”, nele incluindo aquele relatório do engenheiro Retumba (6).

Alfredo de Carvalho, autor da “Pré-história Sul-Americana”, editado em 1910, também reproduziu aquela denominada “Inscrição da Pedra Lavrada”, desenhada por Retumba (7).

O historiador paraibano Coriolano de Medeiros, em livro publicado em 1914, também dá notícia daquela inscrição petroglífica, que segundo ele, ficava na então povoação de Pedra Lavrada, município paraibano de Picuí (8).

Em livro publicado em 1924, Luciano Jacques de Moraes declara ter tentado encontrar aqueles petróglifos, mencionados e copiados pelo engenheiro Retumba:

“No Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba existe um desenho representando a inscrição de Pedra



Lavrada, elaborado por Retumba e por ele remetido, em 7 de agosto de 1886, ao presidente daquela província, desenho que tem sido reproduzido em diversas publicações. Nos dois lugares em que vimos inscrições em Pedra Lavrada não encontramos semelhança entre as mesmas e o referido desenho, no conjunto, embora haja alguns sinais parecidos.

Dentre as figurações mais características e mais visíveis, desses lugares acham-se as representações de jacaré, em um dos rochedos, e as de ave, no outro, e elas não foram copiadas por Retumba. Acompanham-nos aos rochedos das inscrições alguns moradores de Pedra Lavrada que tinham em mão o desenho em questão, inserto no n. 53, de 15 de novembro de 1923, da revista ‘Era Nova’, da Paraíba, e que puderam verificar a inexatidão do mesmo. Essas pessoas disseram-nos ignorar a existência de outras inscrições nas imediações da localidade (9)”.

Em 1926, o professor Ludovico Schwennhagen pesquisou na então vila de Pedra Lavrada, município de Picuí, tentando localizar aquela inscrição mencionada por Retumba:

“Tendo recebido por diversas pessoas a certa indicação de que, na vizinhança da vila Pedra Lavrada, do município de Picuí, da Paraíba, existissem grandes

inscrições fui eu primeiro a essa vila e encontrei ali perto duas importantes petrogravuras. Uma está numa pedra lisa de 6 metros quadrados, na parede dum rochedo, representando um quadro de desenhos artísticos e alegóricos. As figuras são gravadas na pedra com formão e as linhas côncavas são pintadas com tinta vermelha indelével. Em redor, nos baixos, na rampa e na chapa superior, notam-se outras letras e os sinais dos mineiros, mas menos artísticos e não pintados. Chama-se o lugar ‘Poço Grande’ dividido com pequeno lago perene, formado pela água que passa embaixo do rochedo.

A segunda inscrição acha-se 500 metros distante, na margem do riacho chamado do ‘Gado Brabo’, numa chapa de 10 metros quadrados, meio-coberta por um rochedo, sobrependente. A inscrição, gravada pelo formão, contém mais de 200 sinais e letras, indicando o serviço da antiga mineração feita por profissionais naquela região, 2000 anos antes da nossa época.

Copiei cuidadosamente essas inscrições, bem como 10 outros letreiros de pequeno tamanho, que existem no mesmo município.

Mas, com tudo, isso, não tinha encontrado, a afamada pedra lavrada, que mandou examinar dom Pedro II (10)”.

No mesmo ano, o Prof. Ludovico Schwennhagen finalmente localizou a “Pedra Lavrada”, a que se referia o engenheiro Retumba. Fica a mesma à margem do rio Seridó, bem próximo à cidade norte-rio-grandense de Jardim do Seridó. Por ocasião do seu encontro com a pedra, o Prof. Schwennhagen achava-se em companhia do engenheiro Emílio Alcoforado. Schwennhagen descreve a sua descoberta, através do artigo “As inscrições petroglíficas de Jardim do Seridó”:

“Comissionado pelos governos, do Piauí e do Maranhão, junto aos Ministérios, da Educação e Agricultura do país, transitou pelo nosso porto o conhecido historiógrafo e pesquisador Ludovico Schwennhagen, catedrático de latim do Liceu de Teresina.

S. S. que não perde de vista a pré-história de nosso Estado, enviou a A República o artigo que se segue:

– Na audiência que o Exmo. Sr. Interventor Federal me concedeu a 30 do mês passado, na minha passagem para o Sul, Sua Excelência teve a bondade de prometer-me seu auxilio, para tirar fotografias das inscrições do Seridó, conforme um pedido do Museu Nacional, do Rio de janeiro.

Trata-se dum assunto importantíssimo para os

estudos históricos do Brasil, o qual já provocou, há mais de 60 anos, uma interessante discussão lítero-científica, que se estendeu até os meios intelectuais da Europa. Entre as 3.000 inscrições, pinturas rupestres e letreiros que se conhecem, até hoje, das épocas pré-colombianas do Brasil, as mais importantes são as 15 inscrições que existem na margem do rio Seridó, dois quilômetros acima da cidade de Jardim, no lugar que os moradores chamam ‘Pedra Lavrada’.

Em 1864, percorreu aquela zona um engenheiro brasileiro de nome Francisco Pinto, à procura de minas, e nessa ocasião seu guia mostrou-lhe a grande inscrição, conhecida na literatura brasileira do século passado, como a inscrição da Pedra Lavrada. O engenheiro copiou com grande cuidado a escrita e levou o ‘fac-simile’ para o Rio de Janeiro, onde o apresentou ao Instituto Histórico e Geográfico, cujo presidente era o imperador mesmo.

A cópia foi litografada e publicada, e um exemplar foi mandado ao sábio francês Ernesto Renan. Este respondeu que a escrita continha 54 letras fenícias; mas devido à falta de muitos caracteres intermediários que na cópia só eram indicados por pontos, seria impossível uma decifração certa. Essa declaração autoritativa de Renan não admitia negar, da parte, dos incrédulos, o caráter fenício da inscrição; mas o enge-

nheiro Pinto morreu no ano seguinte, os adversários da pré-história brasileira, cujo ‘leader’ era Ladislau, declararam que a falada inscrição era uma invenção ociosa de alguém que queria detratar a glória dos descobridores lusitanos.

Essa opinião foi corroborada pelo erro do falecido engenheiro que pensava que aquela zona, onde ele copiou a inscrição, pertencia à Paraíba. Naquele tempo não existia ainda a cidade de Jardim, e no outro lado da Serra da Coruja, no território paraibano, existia uma povoação chamada também Pedra Lavrada, devido a diversas inscrições, cravadas em pedras lisas horizontais e verticais.

O nome ‘Pedra Lavrada’ que existe em muitos lugares do Nordeste, é a tradução de ‘Itabayana’, nome de diversas cidades, povoações e lugares isolados.

Numa reunião do Instituto Histórico de Alagoas, à qual assisti, me declarou o presidente o seguinte: ‘Nosso Instituto nega a existência da chamada Pedra Lavrada. Um dos fundadores do Instituto, desembargador tal (esqueci o nome) foi à Paraíba, por ordem do imperador, e procurou durante três meses em vão, a suposta inscrição’. Respondi que eu só conhecia a inscrição das revistas que publicaram, no século passado, o ‘fac-simile’, mas prometi de fazer logo uma viagem para a vila Pedra Lavrada da Paraíba, para

constatar a existência da inscrição, da qual não duvidava, em hipótese alguma.

Entretanto, eu também não encontrei a apetecida inscrição na Paraíba e só dois meses depois, cheguei a Jardim, onde o prefeito municipal me levou à ‘sua’ Pedra Lavrada e onde eu encontrei, com olhos umedecidos, a grande escrita com 100 centímetros de altura e 140cm de largura.

E como foi honrada minha perseverança? – Mais outras 14 inscrições acham-se na margem do mesmo estirão do rio, e esse conjunto dá a chave para compreender a origem de tais petróglifos. Com a assistência de tantas testemunhas copiei todas as inscrições. Mas quando eu apresentei, no ano passado essas cópias, num formato maior e caligraficamente desenhadas, ao Instituto Histórico do Rio e ao Museu Nacional, recebi a mesma resposta, como o saudoso Francisco Pinto: ‘Tais desenhos pode fazer qualquer um. Nós precisamos de fotografias bem claras, cuja veracidade seria atestada pelo Governo do Estado’.

Na minha volta ao Piauí tenciono interromper a viagem, em Natal, por uma ou duas semanas, para tirar, com o benévolo auxílio do Exmo. Sr. Interventor, as fotografias das inscrições de Jardim do Seridó e de S. João do Sabugi onde e existem também furnas e uma antiga casa de pedras, de alto interesse.

O Dr. Nestor Lima, autor de uma monografia sobre o município de Jardim do Seridó, também teve oportunidade de examinar a Pedra:

“A PEDRA LAVRADA: Existem à margem esquerda do rio Seridó, no lugar desse nome, umas inscrições curiosas e que debalde se tem procurado decifrar. Dizem que o imperador Pedro II, sabedor dessa curiosidade, incumbiu a um magistrado alagoano de procurar-lhe a explicação, mas, esse erudito não acertou com o lugar das inscrições. É na parede de pedra lisa e polida que está uma das inscrições, a principal tem 140 centímetros de altura e forma um retângulo, sendo a pedra cortada verticalmente. Essa inscrição contém vários caracteres, em número de 42, e 15 sinais outros. outras oito inscrições existem nas chapas e faces das pedras.

A inspeção, que fiz ao local desses petróglifos deixou a impressão de sua antigüidade muito afastada, de vez em que os ameríndios seriam incapazes de fazê-lo, dada a sua incultura absoluta. Diferem muito essas inscrições das pinturas que se encontram noutras serras e serrotes do Estado, feitas a tintas indeléveis. Sobre o lajedo onde se encontram essas inscri-

ções, no rio Seridó, foi construída a grande ponte de cimento armado, executada pela I.F.O.C.S., sob a direção do dr. Júlio de Melo Rezende, em colaboração com o Governo do Estado, inaugurada solenemente e entregue ao tráfego público, no dia 13 de março de 1927 (12)”.

No 1º vol. do seu livro “Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica”, editado em 1930, o estudioso Bernardo de Azevedo da Silva Ramos interpreta os caracteres da Pedra Lavrada, copiados por Retumba, concluindo pela sua origem grega (13).

O historiador Luís da Câmara Cascudo, em artigo publicado no Jornal natalense A REPÚBLICA, edição de 27 de junho de 1931, insurgiu-se contra os conceitos emitidos pelo Professor Schwennhagen, constantes do artigo “As inscrições petroglíficas de Jardim do Seridó”. Cascudo estava, mal informado sobre o assunto, pois o prof. Ludovico Schwennhagen realmente localizara a Pedra Lavrada, fato testemunhado por Nestor Lima. Assim, escreveu o mestre Câmara Cascudo:

“O Prof. Ludovico Schwennnnhagen em sua rápida nota sobre os petróglifos de Jardim do Seridó registra dados inteiramente errados. Só posso culpar quem os forneceu porque o Professor austríaco não os



poderia ter inventado. Passando o artigo sem uma palavra de respostas, entende-se que a verdade é aquela, tanto assim que ninguém se atreveu a discordar. Fiquei todo tempo esperando a palavra dos entendidos. Já era tempo de ter soado. Em falta de melhor e mais forte resposta, aí vai esta.

Resume-se o artigo do prof. Schwennhagen no seguinte: Em 1868 o engenheiro Francisco Pinto percorreu a região do Seridó e seu guia mostrou-lhe a inscrição conhecida na literatura brasileira como a inscrição da Pedra Lavrada. O dr. Pinto copiou o petróglifo e o enviou para o Instituto Histórico Brasileiro. Litografada a cópia, mandaram-na a Ernesto Renan que nela encontrou 54 letras fenícias. Ladislau Neto, o mestre incontestável da paleontologia brasileira, opinou que a inscrição era o passatempo de algum desocupado. O prof. Schwennhagen ajunta mais outras afirmativas. Que a zona da Pedra Lavrada não pertence à Paraíba e sim ao Rio Grande do Norte. Que naquele tempo não existia ainda a cidade de Jardim. Que o nome de Pedra Lavrada é a tradução de Itabaiana. Que não encontrou inscrição célebre na vila de Pedra Lavrada na Paraíba.

Vamos separar isso tudo... Se há uma Pedra Lavrada na Paraíba? Há. Não é vila mas é povoação, no município de Picuí. Se o prof. Schwennhagen não a-

chou a inscrição em Pedra Lavrada paraibana é porque não quis procurar. Coriolano de Madeiros no ‘Dicionário Corográfico da Paraíba’ ensina a respeito da povoação citada:

‘Seu nome vem de uma inscrição num bloco de granito, da qual há diversas cópias, sendo uma delas submetidas à apreciação de Renan e considerada de origem fenícia.’ (pág. 78).

Assim fica ajustado que existe uma Pedra Lavrada no Estado da Paraíba e foi justamente desta povoação que seguiu a cópia conhecida pelo sábio Renan. Quanto a inscrição é fácil provar. Abra o prof. Schwennhagen a interessante monografia do engenheiro Luciano Jacques de Moraes, ‘Inscrições Ruprestres no Brasil’, e encontrará na página 32 uma cópia e descrição da visita que lá fez o referido engenheiro. Não bastando essa Pedra Lavrada a Paraíba ainda possui outra que Luciano Jacques também visitou e copiou. Esta Pedra Lavrada número dois fica a cem metros do lugar ‘Poço Grande’. A descrição está na página 40.

Nós do Rio Grande do Norte temos a ‘Pedra Lavrada’. Demora a seis quilômetros a oeste da vila de São João do Sabugi. Luciano fotografou-a. Fica asentado os seguintes dados: existe uma povoação paraibana chamada Pedra Lavrada e foi daí que saiu a

cópia tida por fenícia. O Rio Grande do Norte nada tem com isto.

O engenheiro Pinto não encontrou Jardim do Seridó em 1868 é porque andou com os olhos fechados. Dez anos antes Jardim do Seridó era vila. Lei número 407, de 1º de setembro de 1858...

Itabaiana não quer dizer em tupi ‘pedra lavrada’. Segundo Coriolano de Medeiros significa ‘morada das almas’, cemitério. Vem de taba e anga. Por minha vez informo que ‘pedra lavrada’ em tupi é itacoatiara ou ainda itaquatiá. Itabaiana é que não é...

Muito curioso que esse doutor Francisco Pinto ignore a Pedra Lavrada paraibana que, nove anos antes dele perambular pelo sertão, já era freguesia... 19 de agosto de 1859 (14)”.

Em 1953, o padre paraibano Francisco Lima publicou o artigo “Vestígios de uma civilização pré-histórica”. O referido padre tentou encontrar aquela inscrição da Pedra Lavrada, copiada anteriormente pelo engenheiro Retumba. Com tal intuito, o referido pesquisador Francisco Lima dirigiu-se à cidade paraibana de Pedra Lavrada:

“Dou sobre a inscrição mais importante da Pedra Lavrada o meu testemunho pessoal. Estive ao pé do rochedo onde ela se acha gravada, à borda de um po-

ço que acumula as águas do riacho de que fala Coriolano, e atesto in fide sacerdotis et gradus mei que lá estava a palavra Helios (Sol), conforme a interpretação de Bernardo Ramos. Vi mais várias letras gregas destacadas ou conjugadas, mas perfeitamente legíveis, em baixo relevo, rasgadas em plena rocha.

Chamei no momento um rapazinho do local, mostrei-lhe a palavra Helios e lhe pedi que enunciasse as letras. Ele as enunciou claramente: um H (o eta grego), um A sem o traço do centro (o lambda grego), um I (o iota grego), um W (o omega grego). O sigma não era visível.

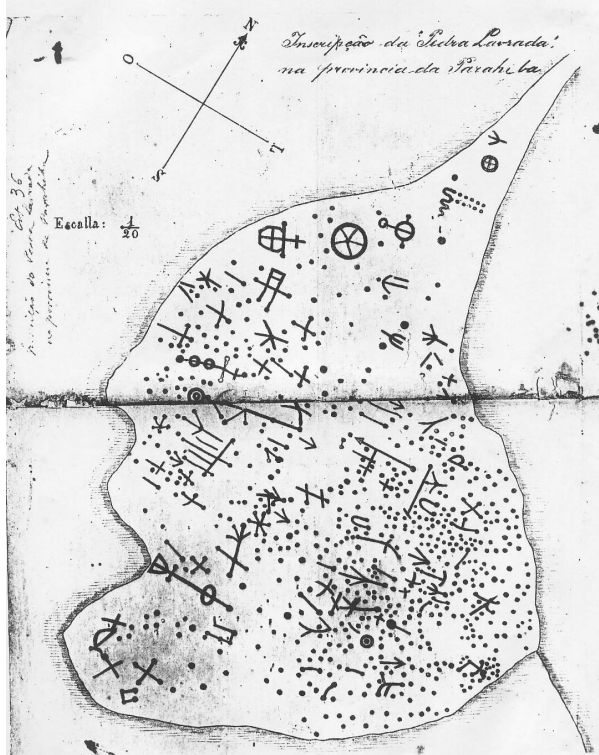
Conclusões deste trabalho: a inscrição mais notável da Pedra Lavrada na Paraíba, não está grafada em fenício (cananeu) mas em grego (15)”.

Aqueles que pretendam visitar a Pedra Lavrada, esclarecemos que o lajedo encontrado e examinado por Pinto, Retumba e Schwennhagen, no qual existe a célebre inscrição fica localizado na margem esquerda do rio Seridó, cerca de 3 quilômetros da cidade de Jardim do Seridó. Aquela possível inscrição fenícia encontra-se atualmente sob a areia de uma barragem, construída em local contíguo à chamada ‘Ponte velha’ do rio Seridó. Tal foi o melancólico destino daquela inscrição, considerada por Schwennhagen o mais importante petróglifo em território brasileiro!...

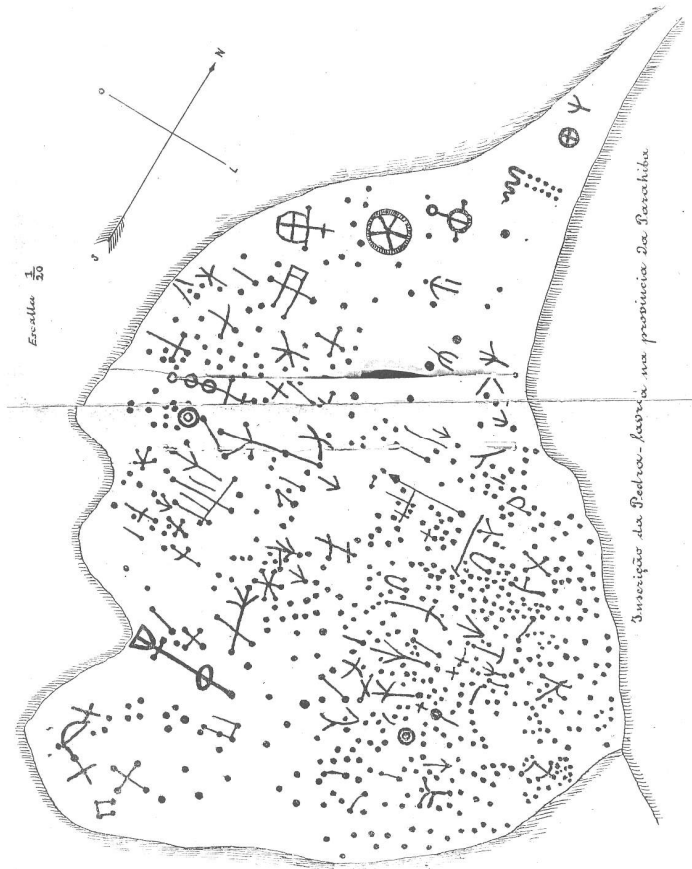
- 
- (1) SCHWENNHAGEN, Ludovico. As inscrições Petroglíficas de Jardim do Seridó.
- (2) ADONIAS, Isa. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 150 anos, p. 53.
- (3) ALENCAR ARARIPE, Tristão de. Cidades Petrificadas e Inscrições Rupestres no Brasil, pp.234-237.
- (4) JOFFILY, Irenêo . Notas sobre a Paraíba, p.86.
- (5) COSTA, Cândido. As Duas Américas, pp. 42-43.
- (6) LYRA, TAVARES, João de. A Paraíba, pp. 162-205.
- (7) CARVALHO Alfredo de. Pré-História Sul-Americana, pp. 104-107.
- (8) MEDEIROS, Coriolano de. Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba, p.78.
- (9) MORAES, Luciano Jacques. Inscrições Rupestres no Brasil, pp. 26-27.
- (10) SCHWENNHAGEN Ludovico. As Inscrições da Pedra Lavrada e as Riquezas Minerais da Serra da Coruja.
- (11) \_\_\_\_\_. As Inscrições Petroglíficas de Jardim do Seridó.
- (12) LIMA, Nestor. Jardim do Seridó, o Município, pp. 172-173.
- (13) SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica, Especialmente do Brasil, 1º vol. pp. XXVI e 263.
- (14) CÂMARA CASCUDO, Luís da. Sobre os Petróglifos de Jardim do Seridó.
- (15) LIMA, Pe. Francisco. Vestígios de uma Civilização Pré-Histórica, pp. 127-128.



A Pedra Lavrada, redescoberta pelo prof. Schwennhagen, encontra-se sob uma camada de areia, no interior da barragem vizinha à chamada “ponte velha” do rio Seridó. O local fica distanciado três quilômetros da cidade de Jardim do Seridó RN.



Gravura reproduzida do livro INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, 150 ANOS, retratando a chamada “Inscrição da Pedra Lavrada, na província da Paraíba”. Na realidade, fica no sítio Pedra Lavrada – Jardim do Seridó RN. Desenho original à tinta preta, 20x30cm, de autoria do engenheiro Francisco Pinto (1864). A inscrição dada de 4 séculos anteriores à nossa era.



Gravura reproduzida da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo L, 1887, retratando a “Inscrição da Pedra Lavrada na Província da Paraíba”. Desenho de autoria do engenheiro Francisco Soares da Silva Retumba (1886).



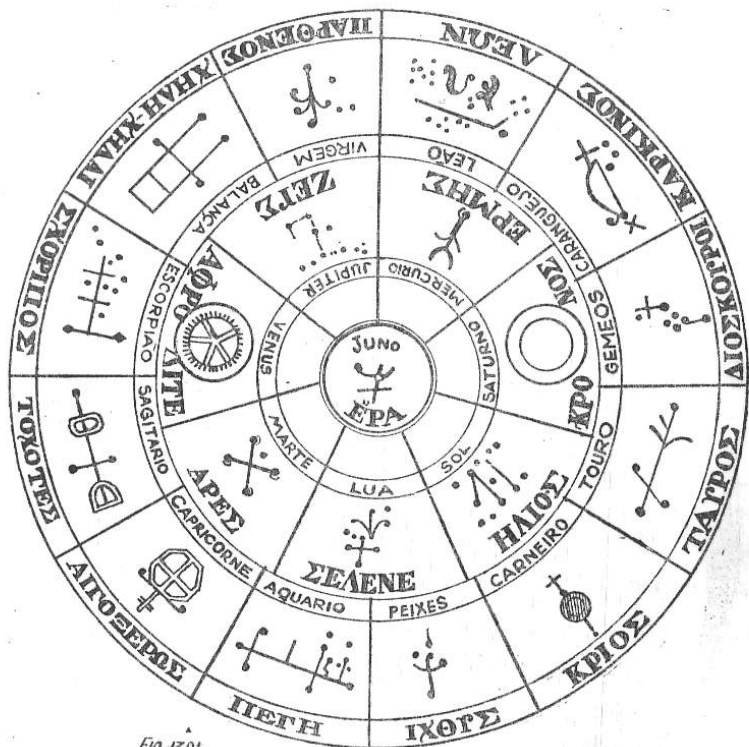


Fig. 1301  
1239

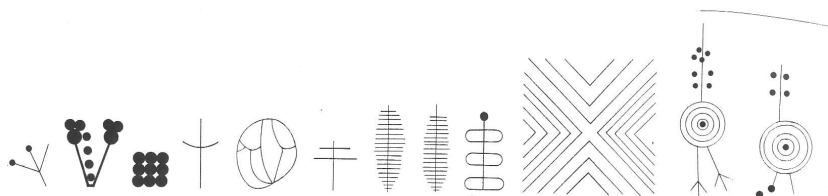
RESUMO DE ALGUNS PLANETAS E SIGNOS CONTIDOS NA INSCRIPÇÃO DA PEDRA LAVRADA DA PARAHYBA, ORGANISADO EM FORMA DO ZODIACO, CONTENDO AS SETE DIVINDADES GREGAS E AO CENTRO ÉRA (TERRA ou JUNO, RAINHA DOS DEUSES).

BERNARDO RAMOS, em seu livro “Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica”, II vol., pp.32-59, apresenta a sua interpretação da Pedra Lavrada de Jardim do Seridó.

700 / Signos / Capricórnio / Pégaso / Peixe / Carneiro / Touro /  
Dióscros / Caranguejo / Leão / Virgem / Balança / Escorpião /  
Sagitário / Vênus / Serpentuário / Hidra / Serpente / Cisne /  
Staurus / Iléias / Hyades / Centauro / Baleia / Orion / Ursa Mai-  
or / Ursa Menor / Boeiro / Coroa (boreal) / Hércules / Lira / Eri-  
dano / Perseu / Águia / Cão Pequeno / Molossos / Lebre / Del-  
fim / Cérbero / Lobo / Íris/Flecha / Triângulo / Júpiter / Marte /  
Luz / Sol / Saturno / Mercúrio / Terra / Cocheiro / Taça / Corvo  
/ Navio / Altar /.

Como verificamos, tudo relacionado com Planetas, Signos  
e Constelações...

INTERPRETAÇÃO DOS PETRÓGLIFOS: Forte multidão de pedra preciosa. Júpiter Deus Justo e Equitativo! Pois bem, seja Isis tão grande quanto considerável deusa. Deus tão grande quanto considerável.

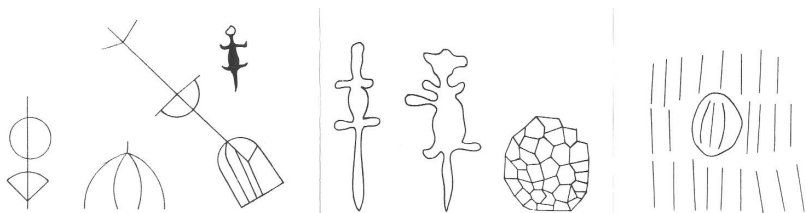


*Inscrições gravadas no gneiss em Pedra Lavrada, no lugar Poço Grande a 100 metros ao Norte da povoação. Paraíba do Norte*

Petróglifos copiados por Luciano Jacques de Moraes, constantes do seu livro “Inscrições Rupestres no Brasil”. Figuras encontradas em Pedra Lavrada, à época pertencente ao município paraibano de Picuí.

A interpretação das inscrições acima figura no livro “Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica”, de Bernardo Ramos, vol. II, pp. 70-71. As inscrições têm origem grega.

**TRADUÇÃO DOS PETRÓGLIFOS:** Ao pobre indigente, sem vida ou meios de viver é dado por Júpiter, Deus, Bens e Fortuna.



*Figuras no greisio situadas a 1 Km. ao Norte de Pedra Lavrada, Município de Picuí, Paraíba do Norte.*

Petróglifos copiados por Luciano Jacques de Moraes, constantes do seu livro “Inscrições Rupestres no Brasil”. Figuras encontradas em Pedra Lavrada, à época pertencente ao município paraibano de Picuí.

A interpretação das inscrições acima figura no livro “Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica”, de Bernardo Ramos, vol. II, pp. 68-69. As inscrições têm origem grega.

# AS PINTURAS RUPESTRES DA “CASA SANTA”, EM CARNAÚBA DOS DANTAS

José de Azevedo Dantas, natural de Carnaúba dos Dantas/RN, nasceu em 1878 e faleceu em 29 de junho de 1929. Entre os anos de 1924 e 1926, José de Azevedo Dantas realizou a extraordinária tarefa de copiar numerosas pinturas indígenas nas serras da região do Seridó. Autodidata, o sertanejo elaborou um calhamaço de 307 páginas, intitulado “Indícios de Uma Civilização Antiquíssima”, no qual incluiu trezentas lâminas, por ele próprio desenhadas, reproduzindo as gravuras indígenas pesquisadas.

Falecido José de Azevedo Dantas, o seu irmão Mamede de Azevedo Dantas ofereceu o preciosíssimo manuscrito ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, por intermédio do Dr. Flávio Maroja Filho.

Em 1953, o cônego doutor Florentino Barbosa publicou o trabalho “Inscrições indígenas gravadas no rochedo do Bojo”, focalizando principalmente “um dos conjuntos mais interessantes e belos do estilo Seridó e provavelmente de toda a pintura rupestre brasileira”, no entender da arqueóloga Gabriela Martin.

Analisando os desenhos do rochedo do Bojo, Floren-

tino Barbosa assim concluiu:

“Observando-se bem os desenhos, vê-se claramente uma mistura desordenada de animais de várias espécies e de homens, entre os quais alguns tentando subir por uns paus, em atitude de quem procura escapar de algum perigo.

Além destas gravuras, encontram-se muitas outras representando embarcações, tapetes e muitos outros objetos semelhantes àqueles que Franz Lorenz colheu dos tempos do imperador Fu-hi, fundador do império chinês, quando a escritura era feita por meio de caracteres primitivos ou figuras de animais e objetos que lembram os sinais gravados nas pedras pelos nossos índios (1)”.

Em 1966, Oswaldo Câmara de Souza, então representante do IPHAN no Estado do Rio Grande do Norte, viajou à fazenda Logradouro, em Carnaúba dos Dantas/RN, à procura da “Casa Santa”, situada à margem do riacho do Bojo, tributário do rio Carnaúba, afluente do rio Seridó.

Assim descreveu Oswaldo de Souza, os desenhos rupestres da “Casa Santa”, anteriormente visitados e copiados por José de Azevedo Dantas:

“À primeira vista, os desenhos de ‘Casa Santa’

lembram caracteres da escritura dos antigos egípcios e fenícios, fazendo supor a existência de restos de uma civilização da pré-história, que ali deixara perpetuada uma escritura simbólica, até o momento, não decifrada e cujo significado, pode descrever aspectos das emigrações de um povo antiquíssimo, que teria assinalado na pedra, aqui e ali, marcas dos seus itinerários e a lembrança de seus feitos. Vale assinalar, que esta manifestação artística ainda não foi estudada pelos arqueólogos brasileiros.

Esse desinteresse é responsável por uma infinidade de interpretações apressadas, dando margem a teorias imaginárias, como é o caso de atribuírem às inscrições de ‘Casa Santa’ origem fenícia, quando, a nosso ver, não passam de uma pictografia indígena muito anterior à colonização”.

“As pinturas reproduzem cenas de caça, de pesca, figuras simbólicas, barcas de feição egípcia; desenhos no feitio de pente carajá, figuras humanas, com lanças nas mãos, uma delas, em atitude de defesa, protegida por uma espécie de escudo, curiosa epigrafiografia, que está carecendo da análise e decifração de um bom arqueólogo (2)”.

Em 1971, o pesquisador Oswaldo de Souza realizou

uma segunda visita à “Casa Santa”, fazendo-lhe companhia o professor de arte fotográfica Carlos Lyra, que na ocasião colheu ótimos flagrantes dos desenhos existentes no rochedo do Bojo.

Em 1980, a professora e arqueólogo Gabriela Martin principiou uma importante pesquisa na “Casa Santa”, na qual foi auxiliada por um grupo de colaboradores. A pesquisa desenvolvida por Gabriela Martin foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (3) (4) (5) (6).

A professora Gabriela Martin batizou de “Grande Painel”, à maior concentração de pinturas. As demais petrogravuras espalhadas pelo abrigo foram estudadas por cenas, que são em número de treze. Segundo Gabriela, as gravuras formam uma “seqüência ininterrupta de usos e costumes do grupo humano retratado”. Os desenhos representam combates ou lutas, danças, caçadas e, até, um ato sexual.

No tocante às figuras antropomorfas existentes, aparecem guerreiros, alguns pintados “numa cor vermelho escura” e outros, “na cor branca”. Também são retratadas mulheres e crianças.

Segundo Gabriela Martin, vêem-se indivíduos portando “antenas” sobre a cabeça; outros, com vastos cocares; e alguns, com “máscaras” semelhantes a longos chifres. Diversos combatentes conduzem nos braços, pendurados, ob-



jetos que lembram bolsas; outros personagens usam saias confeccionadas de fibra.

No que tange às armas portadas pelos guerreiros, aparecem bordunas ou maças, arcos e setas.

No painel vêem-se armadilhas de caça. Também cinco embarcações, de três tipos diferentes. A professora Gabriela interpretou tais embarcações como sendo pirogas. Três delas apresentam características bem simples, sendo, ao que tudo indica, canoas impulsionadas a remo. Uma quarta embarcação é descrita pela arqueóloga Gabriela, como sendo “na cor vermelha com remos”. A quinta apresenta um “desenho muito cuidado, em vermelho sobre branco”, “com desenho pintado no casco”.

No Grande Painel vêem-se também dois tapetes, “que imitam trançado ou pintado em vermelho e branco”.

Figuram no rochedo do Bojo: emas, papagaios e araras; mamíferos, como veados e onças; e um animal que lembra um quelônio.

Segundo Gabriela Martin, “as pinturas do estilo Seridó foram realizadas com pincel muito fino e traço firme, geralmente com tinta vermelha; também foi utilizado o amarelo, o branco e o preto em menor quantidade”. Aquela arqueóloga calcula que as inscrições encontradas no rochedo do Bojo tenham sido executadas em torno de 2000 e 1500 AP (de 50 anos a.C. ao ano 450 da era cristã), quando começava no Nordeste incipiente agricultura.

No tocante à identificação dos responsáveis pela execução das pinturas do estilo Seridó, esclarece Gabriela Martin: “Infelizmente não possuímos ainda elementos da cultura material dos grupos tratados. As sondagens realizadas nos abrigos que apresentam algum sedimento foram infrutíferas. Os abrigos do estilo Seridó, até agora pesquisados, não eram de habitação e nenhum material arqueológico foi achado por perto”.

Com o intuito de melhor identificar ou interpretar as pinturas existentes na “Casa Santa”, Gabriela Martin contou com a colaboração de uma artista plástica e de uma antropóloga cultural, “para evitar que predomine única e exclusivamente a visão do arqueólogo, possivelmente objetiva demais”.

Alguns estudiosos discordam da interpretação dada pela professora Gabriela Martin, relacionada com as pinturas da “Casa Santa”, preferindo uma outra explicação, alternativa:

1 – Uma cena de combate destaca-se no chamado “Grande Painel”. A presença de embarcações no local do combate, leva a supor tenha o mesmo ocorrido em uma praia marítima, pois os rios do Seridó devido à sua natureza intermitente, não permitiam navegação mesmo em canoas ou pirogas. É possível que os autores do “Grande Painel” tenham sido indígenas nômades, moradores no semi-árido

seridoense, que teriam presenciado, ou talvez participado do mencionado combate. Os antigos relatos que descrevem a atuação dos indígenas moradores no semi-árido norte-riograndense, mencionam o fato de que os tapuias se dirigiam anualmente ao litoral da capitania, durante o período da seca, à procura de alimentação.

2 – As embarcações retratadas no “Grande Painel”, identificadas como pirogas por Gabriela Martin, teriam possibilitado a um dos grupos envolvidos na batalha realizar o desembarque em uma praia litorânea. Na ocasião os adventícios teriam sido atacados por um grupo morador na praia, ou por uma cabilda de nômades de passagem pelo local. Uma das embarcações retratadas no “Grande Painel” ostenta um mastro preso por cordas (enxárcias). Outra embarcação apresenta uma forte semelhança com galés fenícias.

3 – Ao que parece, as “máscaras” podem ser capacetes, cuja finalidade era de proteger a cabeça dos guerreiros.

4 – Os objetos de formato arredondado portados por alguns guerreiros, interpretados como “bolsas” por Gabriela Martin, mais parecem ser escudos, presos por uma correia a um dos antebraços de seus portadores. Não é crível que um guerreiro ocupado em combate, insistisse em não

se separar de sua “bolsa”, “teimosia” que lhe tolheria e embaraçaria os movimentos físicos...

---

(1) BARBOSA, Côn. Dr. Florentino. Inscrições indígenas gravadas no rochedo do Bojo, p.111;

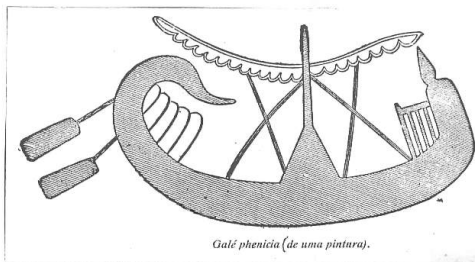
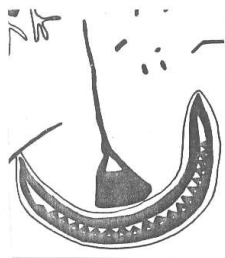
(2) CÂMARA DE SOUZA, Oswaldo. Acervo do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Norte, p.387;

(3) MARTIN, Gabriela. “Casa Santa”: um abrigo com pinturas rupestres no estilo Seridó, no Rio Grande do Norte, pp.55-80;

(4) MARTIN, Gabriela. Amor, violência e solidariedade no testemunho da arte rupestre brasileira, pp. 27 e 37;

(5) \_\_\_\_\_. Arte rupestre no Seridó (RN): o sítio “Mirador” no Boqueirão de Parelhas, pp. 81 e 96;

(7) MARTIN, Gabriela & AGUIAR, Alice. Arte pré-histórica dos índios do Nordeste do Brasil, pp. 87-94.



*Galé phenícia (de uma pintura).*

A montagem apresenta cinco embarcações que figuram nos petróglifos do “Grande Painei” da Casa Santa, em Carnaúba dos Dantas. Segundo Gabriela Martin, em seu artigo “Casa Santa, um abrigo com pinturas rupestres no estilo Seridó, no Rio Grande do Norte”, tais embarcações seriam simples “pirogas com remos”.

Note-se a semelhança existente entre a 5ª embarcações, pintada no Rochedo do Bojo, e uma galé fenícia (fonte: “História Universal”, de Guilherme Oncken, II volume, capítulo sobre os fenícios).



Máscaras portadas pelos combatentes, ou capacetes? A segunda hipótese parece mais plausível.



Simples bolsas conduzidas pelos guerreiro em combate, ou escudos? Ficamos com a segunda hipótese.

# AS PINTURAS RUPESTRES DO SÍTIO MIRADOR, NO BOQUEIRÃO DE PARELHAS

Em 1972, Oswaldo Câmara de Souza, representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Estado do Rio Grande do Norte, realizou uma visita às pinturas rupestres existentes na Fazenda Mirador, em Boqueirão de Parelhas, neste Estado. O professor Carlos Lyra, acompanhando Oswaldo de Souza na visita, fixou fotograficamente aquelas pinturas (1).

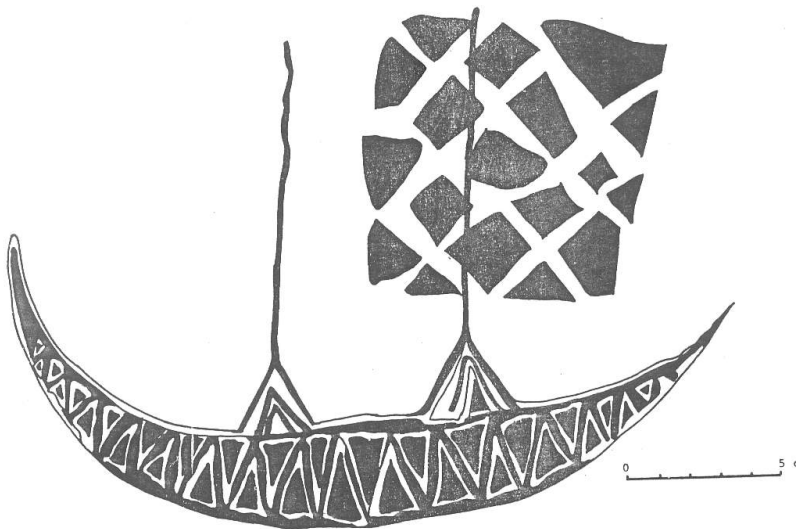
Em 1985, a professora Gabriela Martin publicou um estudo sobre a arte rupestre do Seridó, em que abordou as pinturas existentes no sítio Mirador. Gabriela Martin identificou a presença no Seridó, em tempos remotíssimos, de grupos humanos conhecedores da navegação fluvial: “pelos desenhos de pirogas e remos, sabemos que eram grupos conhecedores da navegação fluvial e que decoravam suas embarcações com desenhos geométricos”. No mesmo estudo, Gabriela Martin reproduz a figura de uma “piroga com dois remos”, encontrada na fazenda Mirador.

Data venia, a “piroga com dois remos” assemelha-se mais a uma barco de dois mastros, com suas cordoalhas (enxárcias). A referida “piroga” apresenta maior complexidade do que as duas embarcações pintadas no “Grande Pai-

nel” da Casa Santa, em Carnaúba dos Dantas; pois estas somente ostentam um único mastro.

Gabriela Martin dividiu o sítio em cinco grandes painéis pictóricos, para maior facilidade no estudo e identificação das pinturas.





Gravura encontrada no Sítio “Mirador” (Parelhas/RN), interpretada por Gabriela Martin como representando uma “Piroga com dois remos”. Para alguns, seria uma embarcação de dois mastros, com suas cordoalhas (enxárcias).

Fonte: Arte Rupestre no Seridó (RN): o sítio “Mirador” no Boqueirão de Parelhas, de autoria de Gabriela Martin, in. Rev. do Curso de Mestrado em História, nº 7.

---

(1) CÂMARA DE SOUZA, Oswaldo. Acervo do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Norte, pp.411-415;

(2) MARTIN, Gabriela. Arte Rupestre no Seridó (RN): o sítio “Mirador” no Boqueirão de Parelhas, pp.81-95.

# AS PINTURAS RUPESTRES NO SÍTIO PEDRA DO ALEXANDRE, EM CARNAÚBA DOS DANTAS

A professora Gabriela Martin realizou pesquisas arqueológicas no sítio “Pedra do Alexandre”, no município norte-rio-grandense de Carnaúba dos Dantas (RN). No chamado “Abrigo do Alexandre”, também conhecido como “Pedra do Chapéu”, no riacho do Ermo, tributário do rio Carnaúba, por sua vez afluente do Seridó, a equipe dirigida por Gabriela Martin encontrou, inclusive, grafismos representando pirogas, o que indicaria a presença, em épocas remotas, de rios navegáveis na região seridoense.

Gabriela Martin encontrou 12 representações de pirogas, com dimensões diversas, algumas delas com figuras humanas. Uma dessas pinturas apresenta um grupo de 8 figurantes, dentre os quais destaca-se um indivíduo mais elevado, portador de um longo cocar, que parece chefiar o grupo (1).

---

(1) MARTIN, Gabriela. O Cemitério Pré-histórico “Pedra do Alexandre” em Carnaúba dos Dantas, RN (Brasil), pp. 43-57.



Detalhes do painel existente na “Pedra do Alexandre”, representando embarcações.

Fonte: “O cemitério pré-histórico ‘Pedra do Alexandre’ em Carnaúba dos Dantas RN (Brasil)”, por Gabriela Martin.

# FONTES

ADONIAS, Isa e outros. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 150 anos. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990.

ALENCAR ARARIPE, Tristão de. Cidades Petrificadas e Inscrições Lapidares no Brasil. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo L, 1887.

BARBOSA, Côn. Dr. Florentino. Inscrições Indígenas Gravadas no Rochedo do Bojo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, vol 12<sup>o</sup>, 1953.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. Fortificações Coloniais no Rio Grande do Norte. Natal RN: jornal “A República”, 01/02/1942.

\_\_\_\_\_. Nomes da Terra, Geografia e Toponímia do Rio Grande do Norte. Natal RN: Fundação José Augusto, 1968.

\_\_\_\_\_. Sobre os Petróglifos de Jardim do Seridó. Natal RN: jornal “A República”, 27/06/1931.

CÂMARA DE SOUZA, Oswaldo. Acervo do Patrimônio

Histórico e Artístico do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1981.

CAMPOS MORENO, Diogo de. Livro que dá Razão do Estado do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968.

CANTU, Cesare. História Universal. 2º vol., capítulo XXIV – Fenícios. São Paulo: Editora das Américas.

CARVALHO, Alfredo de. Pré-história Sul-Americana. Recife: Tipografia do “Jornal do Comércio”, 1910.

COSTA, Cândido. As Duas Américas. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1900.

DUARTE SILVA, Nicolau. Cabral e os Fenícios. Revista do Arquivo Público, vol. CLXXXII, Julho a dezembro de 1970. São Paulo.

ENCICLOPÉDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL. Vol. XV. W. M. Jackson Editor.

GOMES DE SENNA, Júlio. Ceará-Mirim, Exemplo Nacional. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1942.

GORDON, Cyrus H. Before Columbus. Links between the Old World and América. New York: Crown Publishers, Inc., 1971.

JOFFILY, Irenêo. Notas Sobre a Paraíba. Tip. do “Jornal do Comércio, 1892.

LIMA, Pe. Francisco. Vestígios de Uma Civilização Pré-histórica. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Vol. 12º, 1953.

LIMA, Nestor. Caicó, o Município. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. XXVII – XXVIII, 1930 – 1931.

\_\_\_\_\_. Caraúbas, o Município. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. XXVII – XXVIII, 1930 – 1931.

\_\_\_\_\_. Ceará-Mirim, o Município. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. XXVII – XXVIII, 1930 – 1931.

\_\_\_\_\_. Jardim do Seridó, o Município. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. XXIX – XXXI, 1932 – 1934.

\_\_\_\_\_. Lajes, o Município. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. XXIX – XXXI, 1932 – 1934.

\_\_\_\_\_. Martins, o Município. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. XXXV – XXVII, 1938 – 1939.

LYRA TAVARES, João de. A Paraíba. 1º vol. Paraíba: Imprensa Oficial, 1909.

LIVRO 1º DO REGISTRO DE SESMARIAS DO RIO GRANDE DO NORTE (1659 – 1670) Acervo Documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, caixa nº 112.

MARTIN, Gabriela. “Casa Santa”: Um Abrigo Com Pinturas Rupestres do Estilo Seridó, no Rio Grande do Norte. Recife: Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, nº 5, 1982.

\_\_\_\_\_. Amor, Violência e Solidariedade no Testemunho da Arte Rupestre Brasileira. Recife: Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, nº 6, 1984.

\_\_\_\_\_. Arte Rupestre no Seridó/RN: o Sítio “Mirador” no Boqueirão de Parelhas. Recife: Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, nº 7, 1985.

\_\_\_\_\_. O Cemitério Pré-histórico “Pedra do Alexandre” em Carnaúba dos Dantas/RN (Brasil). CLIO – Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Série Arqueológica nº 11, 1995 – 1996.

\_\_\_\_\_. & AGUIAR, Alice. Arte Pré-Histórica dos Índios do Nordeste do Brasil. Nordeste Indígena – Série Etnográfica nº 2. Recife: FUNAI, jan/1991.

MEDEIROS, Coriolano de. Dicionário Chorográfico do Estado da Paraíba. 1ª edição. Paraíba: Imprensa Oficial, 1914.

MORAES, Luciano Jacques de. Inscrições Rupestres no Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Viação e Obras Públicas, 1924.

ONCKEN, Guilherme. História Universal. Vol II. Lisboa: Antiga Casa Bertrand.



PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres. Recife: Tipografia Universal, 1882.

RELATÓRIO SOBRE A INSCRIÇÃO DA GÁVEA, MANDADA EXAMINAR PELO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Tomo I, 2ª edição, 1856.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Vitorino Alves. Dicionário Bibliográfico Brasileiro, 2º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

SCHWENNHAGEN, Ludovico. O Primeiro Descobrimento do Brasil em 1.100 a.C. Caicó RN: Jornal “O Seridoense”, 02/07/1926.

\_\_\_\_\_. As Inscrições da Pedra Lavrada e as Riquezas Minerais da Serra da Coruja. Natal RN: jornal “A República”, 11/01/1927.

\_\_\_\_\_. Touros e Extremoz, as Antigas Estações Marítimas do Extremo Nordeste do Brasil. Natal RN: jornal “A República”. 10/02/1927.

\_\_\_\_\_. As Estações das Antigas Estradas que

atravessaram o Rio Grande do Norte. Natal RN: jornal “A República”. 12/03/1927.

\_\_\_\_\_. As Inscrições Petroglíficas de Jardim do Seridó. Natal RN: jornal “A República”. 18/01/1931.

SILVA RAMOS, Bernardo de Azevedo da. Inscrições e Tradições da América Pré-histórica. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930.